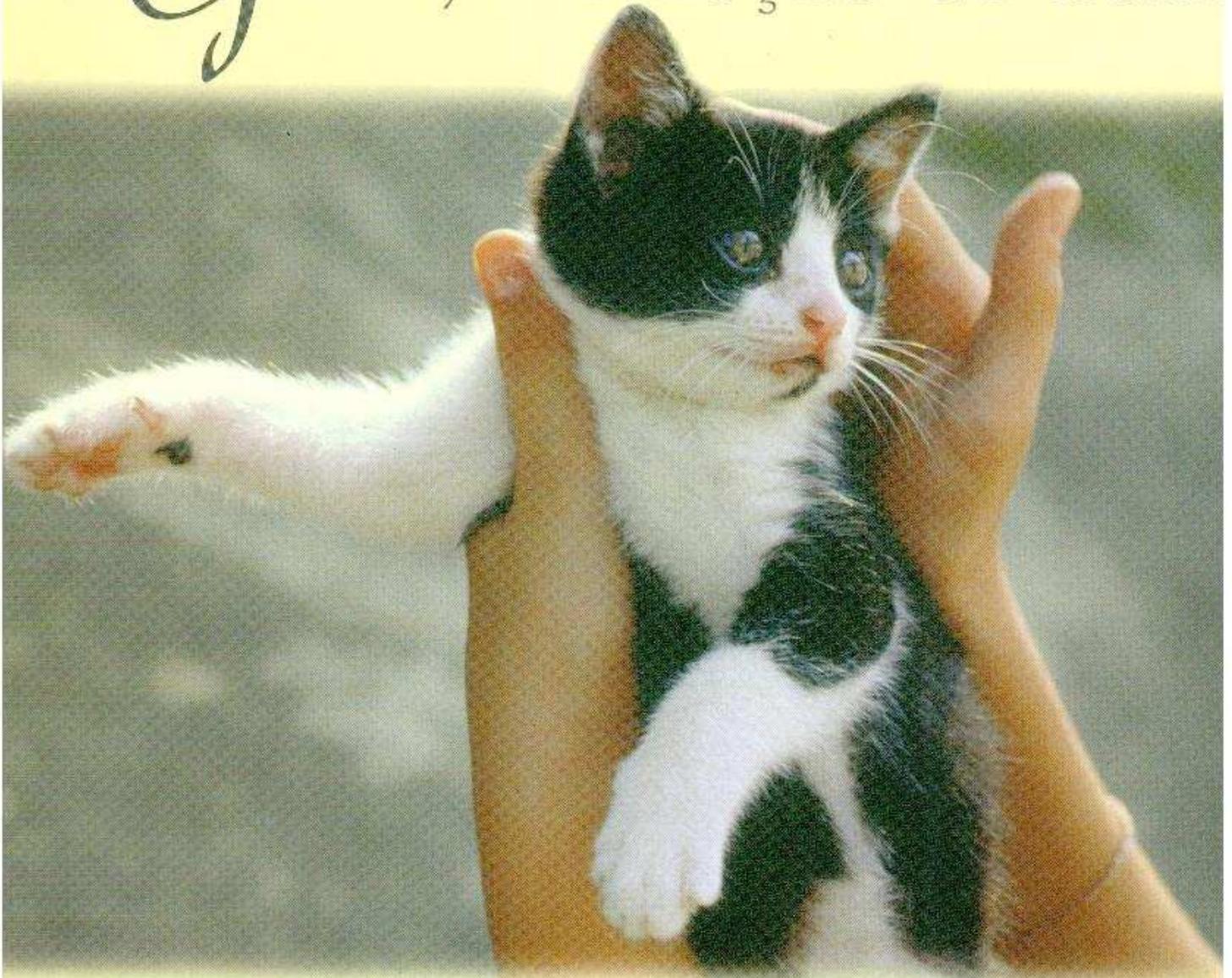


Nise da Silveira

Gatos, a emoção de lidar



Sebastião Barbosa, fotógrafo



Léo Christiano Editorial

9876543210
09 876543210

Nise da Silveira

Gatos
a emoção de lidar

Sebastião Barbosa, fotógrafo

Nise da Silveira

Gatos
a emoção de lidar



Léo Christiano Editorial

© Nise da Silveira, 1998

Assessora
Elza Suzuki

Projeto Gráfico
Márcio Alvim de Almeida

Revisão
Vladimir Magalhães da Silveira

Coordenação Editorial
Hejiane Carvalho da Fonseca Alsina

Paginação
Leonardo Filipo Carvalho da Fonseca Alsina

Capa
Foto Sebastião Barbosa, *Gato nas mãos de Joana*



Léo Christiano Editorial

Caixa Postal 25.026 - CEP: 20551-000 - Rio de Janeiro
Tel.: (021) 568-1979 e 234-8594
e-mail: leochristiano@openlink.com.br

S587g

Silveira, Nise da, 1906-

Gatos: a emoção de lidar / Nise da
Silveira; com fotos de Sebastião Barbosa -
Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.
80p.; 23x28 cm.

ISBN 85-85020-48-2

I. Gato - Depoimento. 2. Relações
Homem - animal. I. Título.

CDD-636.8002



Agradecimentos:

Mariarosa Soci

Luiz Carlos Mello

Martha Pires Ferreira

Vera Maccdo

Homenagem aos meus gatos,
companheiros de vida:

CARLINHOS,

RAFAEL,

MESTRE ONÇA,

VIVALDI,

LORD BYRON,

ELCI,

MAFALDA,

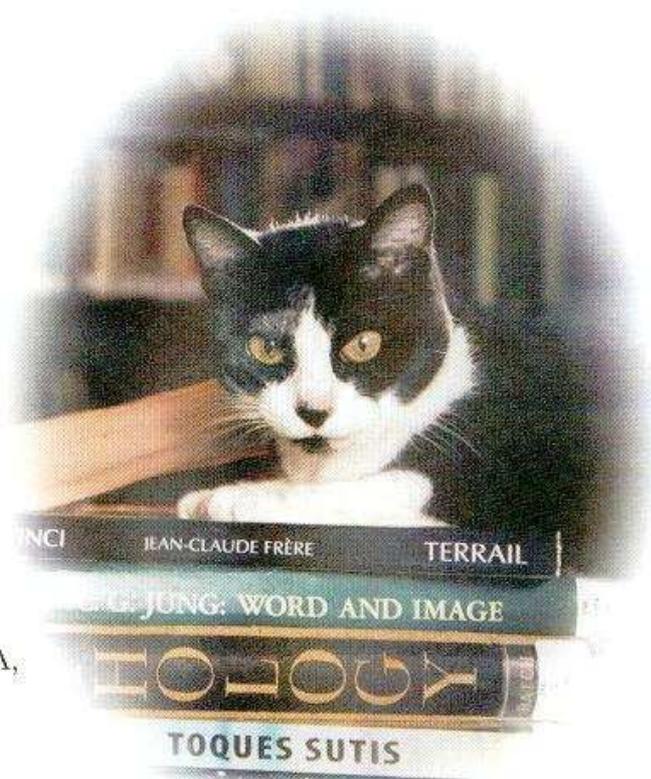
TIGRE REI,

MADRE SUPERIORA,

MIELE,

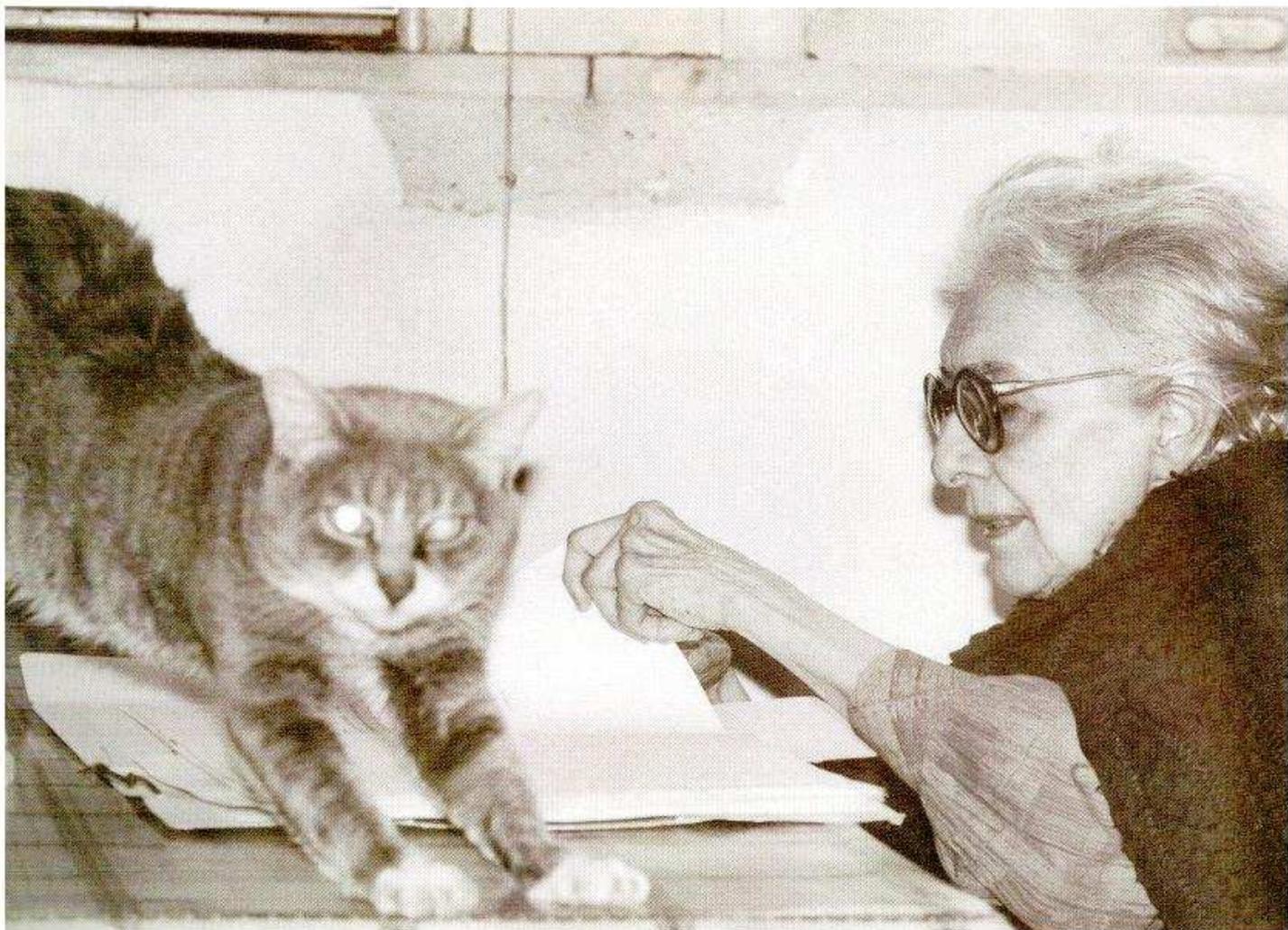
LÉO,

CHE



e tantos outros inesquecíveis...

À Lya Cavalcanti,
a mais dedicada e corajosa
defensora de animais
em todos os tempos,
no Brasil



Nise e o gato Tigre Rei

Arquitetura
do século XX

Índice

Prefácio, 13

Os Poetas e os Gatos, 15

Montaigne e sua Gata, 21

Gatos como Divindades no Egito, 23

Advento do Cristianismo: Perseguição aos Gatos, 27

O Gato e a Emoção de Lidar, 29

Leonardo da Vinci e o Gato, 33

Relacionamentos do Gato com o Homem, 35

Simbolismo do Gato nos Sonhos e nos Contos de Fadas, 45

Experimentos Científicos com Gatos, 49

Gatos Co-terapeutas, 53

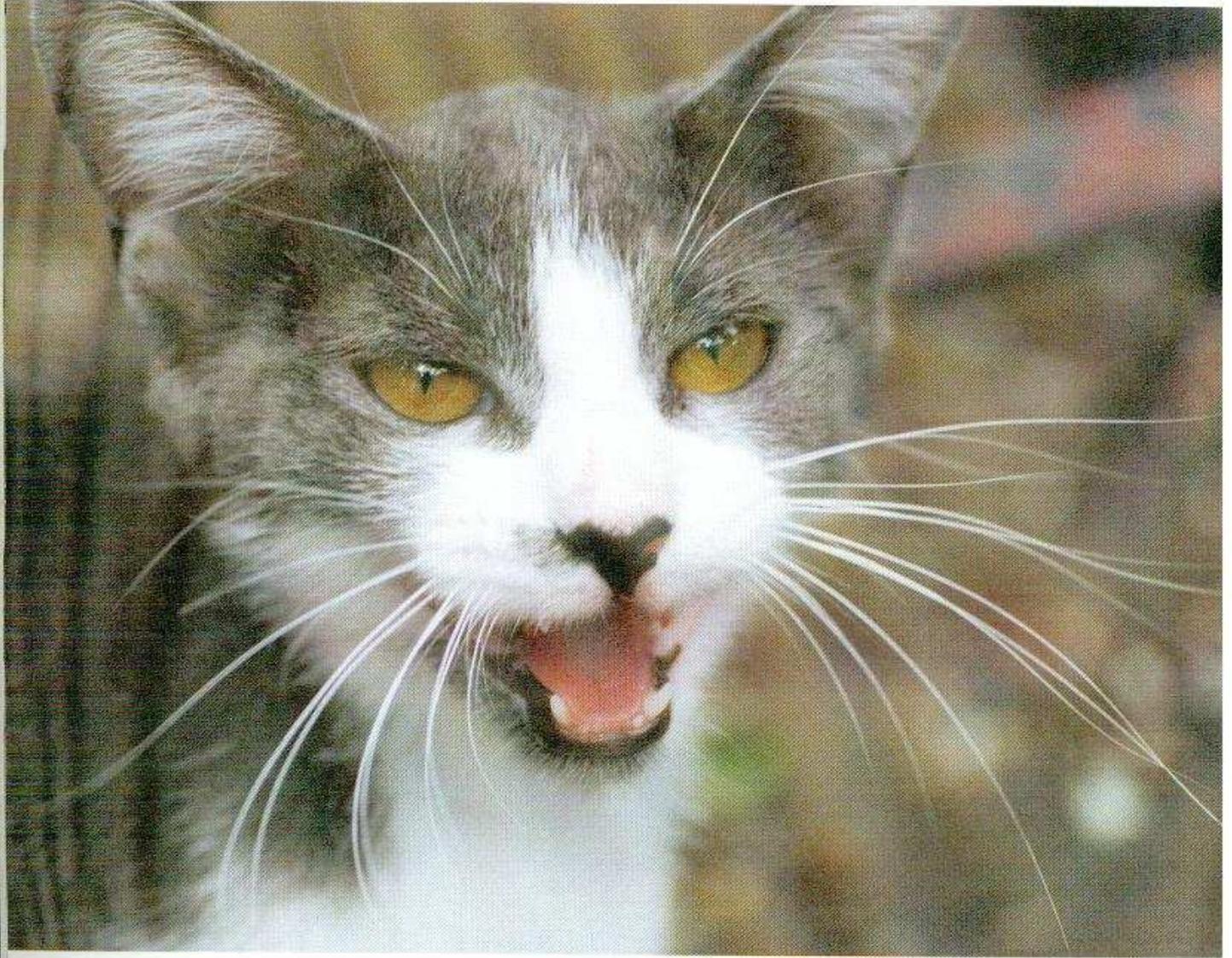
Qualidades Metafísicas do Gato, 55

Gatos nas Artes, 59

Os Gatos Pintores, 61

Os Gatos e os Escritores, 63

O Gato e a Música, 67



Prefácio Meio Felino

Prefaciando um livro de Nise da Silveira é um privilégio, pois essa grande figura da cultura brasileira é uma verdadeira caixinha de surpresas. Seus estudos, que levaram à formação do Museu de Imagens do Inconsciente, seus métodos de tratamento de distúrbios mentais, já seriam suficientes para uma consagração de sua vida (não que ela buscasse uma consagração, pois tudo quanto fez nesse campo foi fruto de amor). Mas ela não se satisfaz, e assim, depois de publicar livros básicos sobre o tema, veio a surpresa de seus estudos sobre Spinoza. Foi surpresa, mas com certa lógica, pois a investigação filosófica coaduna-se perfeitamente com sua preocupação com o inconsciente. Ambos são assuntos transcendentais, mais ligados aos estudos sérios do que à confissão de fraquezas humanas. Eis que de repente surge, no entanto, outra surpresa - este livro, em que ela, com Sebastião Barbosa, proclama de público um amor diferente, seu amor aos gatos! Não quero dizer com isso que gatos não sejam assunto sério, mas assim mesmo, depois de tudo quanto Nise escreveu, fica parecendo uma travessura, o que acho admirável: Nise da Silveira descendo das alturas para pesquisar o que os gatos representaram, séculos afora, para grandes escritores, artistas, políticos, cientistas, intelectuais os mais diversos e até deuses egípcios - e conseqüentemente para ela própria.

Lê-se o livro de uma assentada, e com prazer. De minha parte confesso que a princípio me pareceu estranha a idéia que Nise teve, de escrevê-lo. Mas, pensando bem, especialmente depois da leitura, achei que ela tinha razão e eu não.

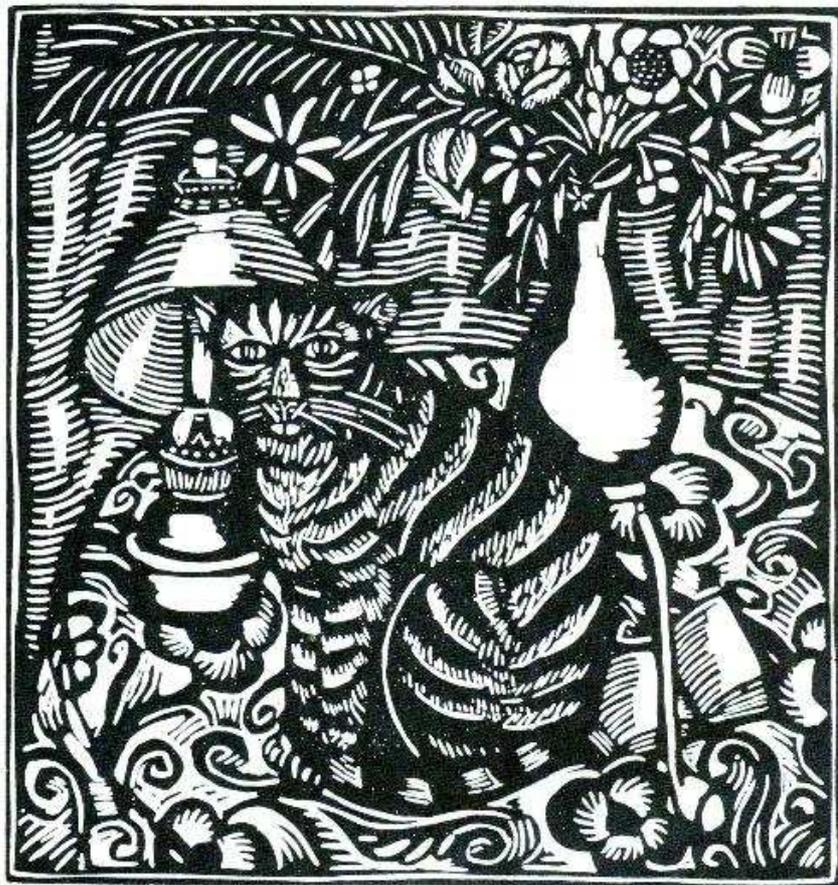
Falei em caixinha de surpresas porque anos atrás, lendo um livro encantador de Elvia Bezerra, "A trinca do Curvelo", fui surpreendido por uma Nise que eu não conhecia, nem tinha imaginado: amiga de Manuel Bandeira e de Graciliano Ramos (e "hóspede", com Graciliano, da mesma "pensão"). A forma como Nise aparece nesse livro não fazia prever os caminhos que seguiu depois disso.

Tenho de confessar (Nise que me perdoe) que os gatos nunca me seduziram, mas, em compensação, ela sim! E se ela, com este livro, realça a milenar espécie felina como companheira ideal do ser humano, o que posso fazer eu, senão curvar-me reverente? Não diria que o livro me convenceu ou converteu, mas foi por pouco, pois sua leitura me deu grande prazer. Palmas para Nise da Silveira por sua versatilidade surpreendente! O prazer que me proporcionou será certamente compartilhado por todos os outros leitores.

José E. Mindlin



O BESTIÁRIO



O Gato

Desejo que na minha casa haja:
Uma mulher inteligente,
Um gato deslizando entre os livros
E amigos em todos os momentos
Sem os quais não posso viver.*



Os Poetas e os Gatos



Quando se escreve sobre gatos, é vulgar começar pela referência de sua capacidade de exterminar os roedores. Entretanto, sua faixa de possibilidades para estudiosos mais profundos é de uma complexidade desafiadora. Começaremos pelos poetas.

Dar Nomes aos Gatos**

Nome de gatos é um assunto matreiro,
E não passatempo para entreter parentes;
Podem me achar doido igual a um chapeleiro
Mas um gato tem TRÊS NOMES DIFERENTES.
O primeiro é o nome que a família mais usa,
Como Pedro, Augusto, Estêvão, Oliveiros,
Como Vítor, Jôrgé, ou Jonas ou Fiúza...
Mas nomes que são no entanto corriqueiros.
Outros há pomposos, que parecem mais chiques,
Sejam para as damas ou para os cavalheiros
Como Fletra, Egeu, Inês, Afonso Henriques...
Mas nomes que são no fundo corriqueiros.
Ora afirmo: um gato apenas se completa
Com um nome que seja peculiar e distinto;
Como iria então manter a cauda ereta,
Erguer os bigodes e acalantar o instinto?
Dos nomes da espécie, a lista é pequenina:
Como Munkustrap, Quaxó, Coricopato,
E Ágata talvez, talvez Bombalurina...
Nome que se aplica apenas a um só gato.
Mas acima e além, um nome se exorciza,
Esse que jamais nos viria à cabeça,
Procurando em vão pela humana pesquisa...
SÓ O GATO SABE, mas a ninguém confessa.
Se vires um gato em profundo mutismo,



Saibas a razão que o tempo lhe consome:
Sua mente paira a divagar no abismo
E ele pensa, e pensa, e pensa no seu nome:
No inefável afável
Inefanifável
Fundo e inescrutável sentido do seu Nome.

Sempre perto dos humanos
animais sagrados no Antigo Egito,
ainda que não goste, não há como negar,
gato é mesmo um bicho bonito.

Poderosos filtros de latências auxiliares indispensáveis na magia,
limpos, carinhosos, macios,
gatos são boa companhia.
Suas unhas coloque num saquinho de pano,
e esconda em suas roupagens,
quando for encontrar inimigos, ou sair em longa viagem. De
seus bigodes faça trança e terá amuleto de magia
para achar caminho, encontrar rumo,
na mata ou na cidade terá guia.
De seu pêlo nós, gnomos, fazemos travesseiros e almofadas.
De seu leitinho fazemos manteiga que passamos nas torradas.

E há quem diga por aí que gato preto dá azar.
Pois saiba que, se tens um gato preto,
quebranto nunca te há de pegar.

É fato, o que aqui vos digo, é verdade o que ensino.
Sou eu, PFEIELL, quem afirma, o guardião dos felinos.

PFEIELL



Certo dia, em um jantar de confraternização com amigos, na minha residência, um gato saltou inopinadamente sobre a mesa, onde se encontravam as iguarias e os copos de vinho. Os comensais ficaram surpresos e preocupados.

Imediatamente, declamei um trecho da poesia "Ode ao gato", do grande poeta chileno Pablo Neruda:

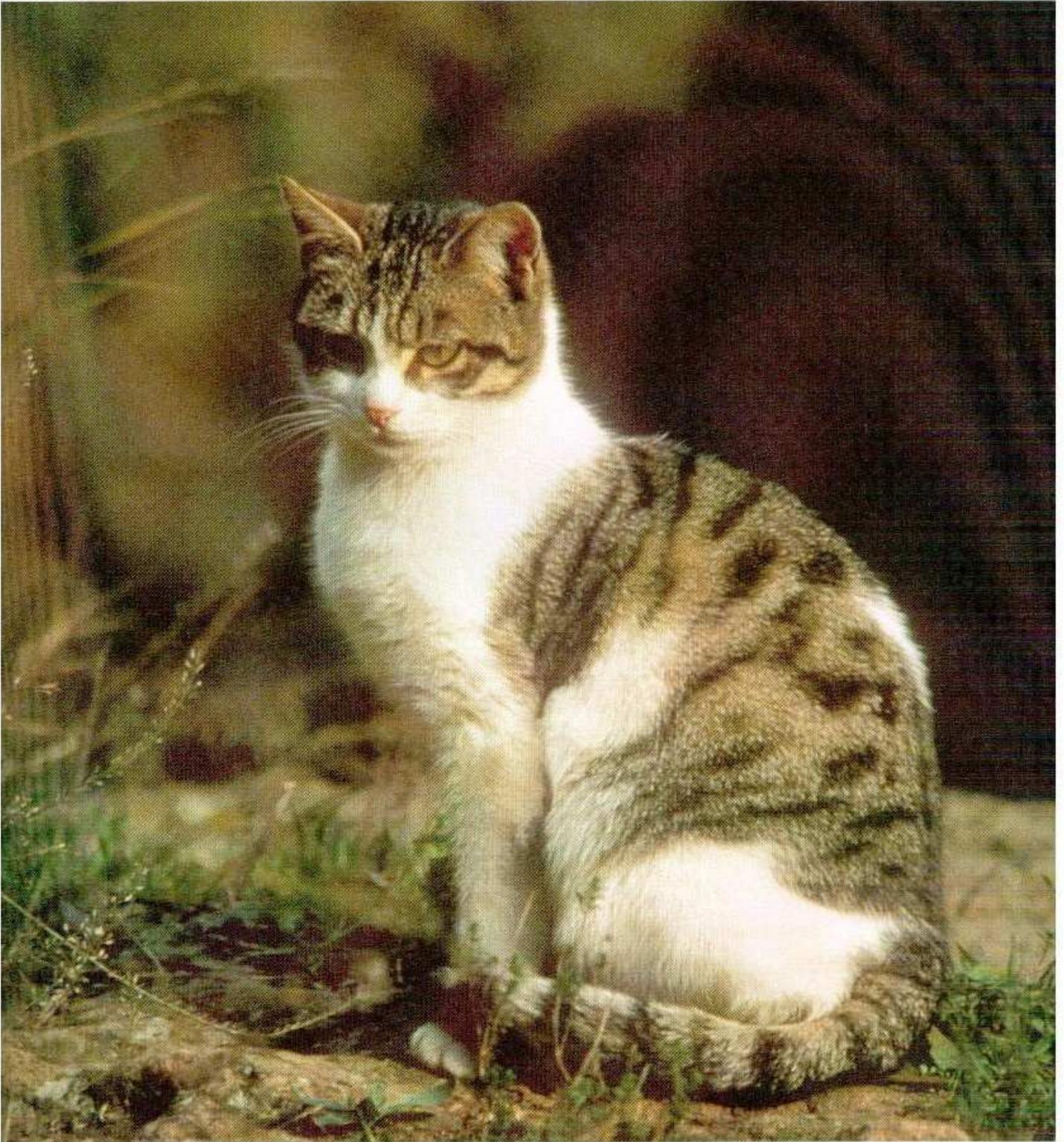
"cuando pasas
y posas
cuatro pies delicados
en el suelo,
oliendo,
desconfiado
de todo terrestre,
porque todo
es inmundo
para el immaculado pie del gato."

- * Apollinaire, G. - *Oeuvres Poétiques. B. de la Pléiade, 1962. Desenho de Raoul Dufy.*
** Y.S. Eliot - *Os gatos, Ed. Nórdica, Tradução Ivo Barroso.*
*** Libertainagem
**** Baudelaire, G. - *Les Fleurs du Mal, p.81*





www.fox.com
© 2003 Fox





Deusa egípcia Bastet,
simbolizando a
maternidade.

1987, 1990, 1991
1987, 1990, 1991

Montaigne e sua Gata

*M*ichel de Montaigne, aos 38 anos retirou-se da vida pública e instalou-se num ângulo de seu castelo, espaço onde tranqüilamente mergulhava em seus filósofos preferidos, no estudo das vicissitudes múltiplas dos homens e animais e meditava sobre a morte.

Montaigne criou o gênero literário Ensaio onde temas diversos são desdobrados sem fio único. Denominou salada de palavras esses seus estudos. É o prazer de pensar!

Sem dúvida acreditava que os gatos falam racionalmente entre si. Enquanto afagava sua gata carinhosamente, permanecia absorto em pensamentos e dizia: "Quando me entretenho com minha gata, quem sabe se ela não faz de mim seu passatempo, mais do que eu faço dela".*

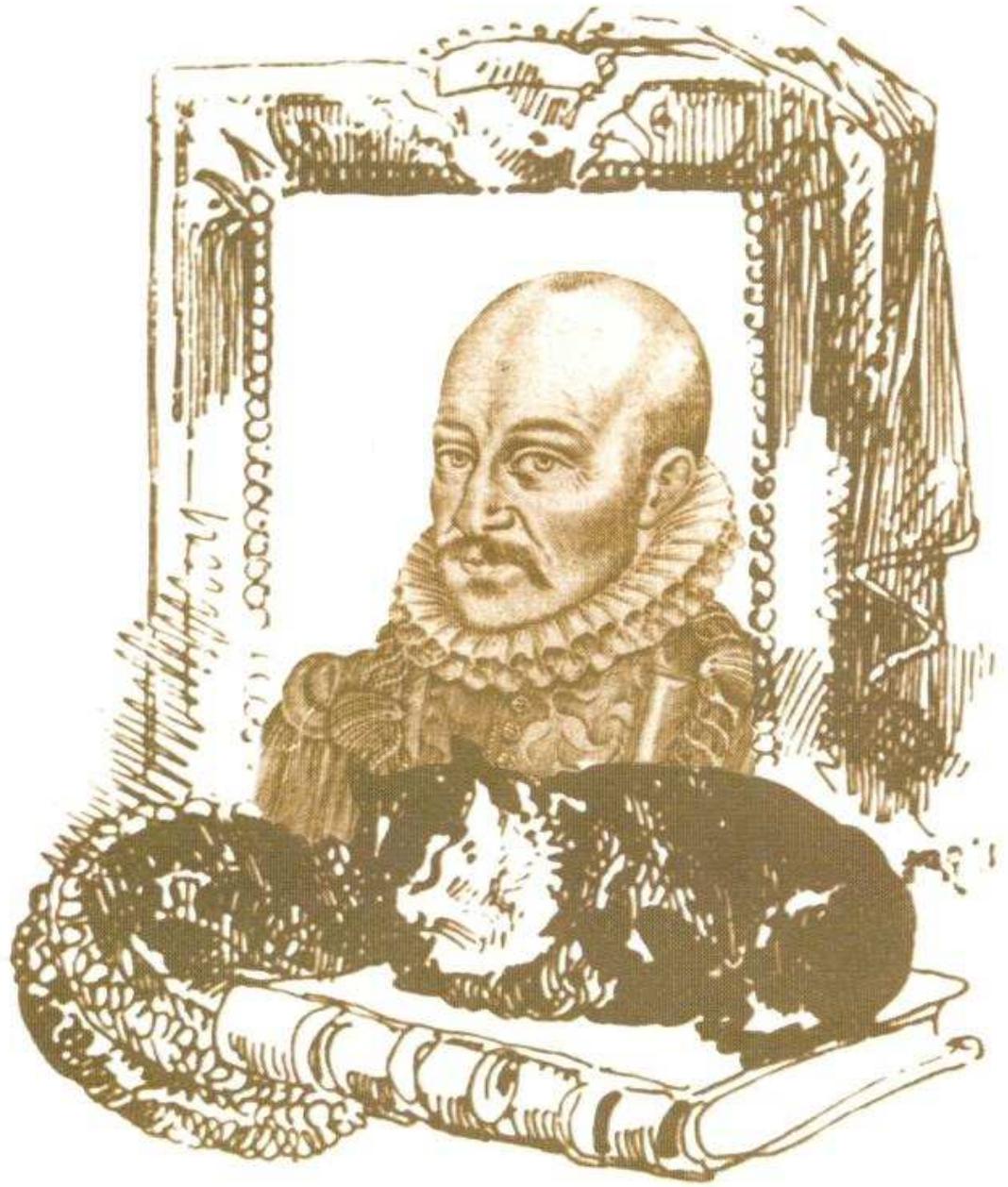
Montaigne repudia "essa realeza imaginária que o homem atribui a si próprio sobre as outras criaturas".**

Posição portanto, oposta a de Descartes, nascido no fim do mesmo século em que nasceu Montaigne. Para Descartes, só o homem pensaria e vivenciaria sentimentos. A cruel visão cartesiana lixoteia a arrogância do homem. Por isso predomina essa vaidade no homem até hoje.

* *Essais II, cap. XII, p. 90*

** *Essais II, cap. XII*





Michel de Montaigne

Gatos como Divindades no Egito



s egípcios eram um povo muito religioso. Possuíam um vasto panteão de divindades. Dentre essas destaca-se a deusa gata Bastet. A deusa Bastet era representada em corpo de mulher e cabeça de gata. Muitas vezes, era confundida com sua irmã Sekhmet, deusa leoa, também filha de Rá - o Deus supremo.

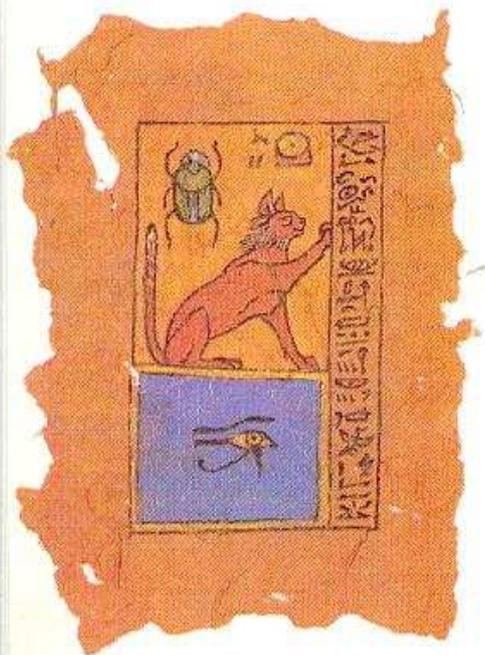
A adoração a Bastet acabou por superar as divindades Isis, Hator e Mut e também, as deusas leoas Tefnut de Heliópolis e Sekhmet de Memphis.

O templo de Bastet foi descrito pelo historiador grego Heródoto, que viajou para o Egito no ano 450 a.C. Este luxuoso templo situava-se na cidade de Bubastis, numa ilha cercada por canais do Nilo.

Os egípcios veneravam três principais deusas leoas - Sekhmet, Pekhét e Tefnut - todas manifestações da mesma divindade, em locais e situações diferentes. Sekhmet, a poderosa, é a deusa das batalhas que lança fogo pela enorme goela. Pekhét desencadeia torrentes devastadoras nos desertos do leste onde habita. Tefnut, sujeita a grandes cóleras, emite fogo pelos olhos e pela boca. Mas nem sempre essas deusas se apresentavam sob aspecto tão terrificante. Elas podiam metamorfosear-se em gata, tornando-se assim dóceis e amáveis. Neste caso, seu nome seria Bastet, a benévola. Entretanto Bastet, representada em corpo de mulher com cabeça de gata, sustenta numa das mãos o instrumento musical das bailarinas, tem na outra a cabeça da leoa, sinal de que poderá, de um momento para outro, reassumir seu aspecto feroz, exprimindo, desse modo, as mutabilidades emocionais do princípio feminino.

A. Erman* narra uma encantadora lenda referente a tais transformações: Tefnut, num estado de fúria devastadora, aquartela-se nos desertos da Núbia. Rá, o grande deus solar, envia Tot, o deus da sabedoria, para acalmar sua violenta filha e trazê-la de volta à casa paterna. Tot toma a forma de macaco e vai ao encontro da leoa. Fala-lhe tranquilamente, conta-lhe que o tempo está esplêndido no Egito, mas que todos ficaram tristes depois que ela partiu. Os instrumentos musicais jazem mudos. E a leoa "de juba flamejante, dorso cor de sangue e olhos chispanetes, batia no solo com a cauda, levantando





Papiro funerário denominado O Gato lapis-lazuli, Biblioteca Bodleian, Oxford

nuvens de poeira que obscureciam o deserto”. Tot, porém, prossegue em sua fala mansa, contando-lhe fábulas. A leoa acaba comovendo-se e suas lágrimas caem “como chuva torrencial”.

Metamorfoseia-se em gata e condescende em voltar à pátria, onde é recebida com efusivas manifestações de alegria. A cena da conversa de Tot com Tefnut foi gravada sobre rocha calcária no templo de Dakked. Estamos diante da primeira sessão de psicoterapia, comentou a Dra. M. L. von Franz, ao examinar uma fotografia dessa gravação. Que Sekhmet, Pehcet, Tefnut sejam a mesma pessoa e, ainda mais, que essas temíveis divindades leontocéfalas se identifiquem à amável Bastet, causa estranheza. Entretanto, nessas metamorfoses de deusas, os egípcios exprimiam em imagens a verdade psicológica do eterno jogo de antagonismos, da luta de opostos, do predomínio momentâneo de um dos dois pólos contrários inerentes à psique humana e talvez ainda mais peculiares à mulher.

Morenz²², comentando o conceito elementar que os egípcios adoravam animais e considerando as figurações de divindades teriomórficas nos templos egípcios, interpreta noutro nível esse fenômeno. As figurações significam que o poder pode se encarnar sob várias formas. “As representações semi-humanas de deuses exprimem um pensamento que aceita o homem sem rejeitar o animal. Vemos nessas figurações o primeiro grande exemplo de conciliação intelectual do inconciliável. Ao aspecto estático da figura junta-se um aspecto dinâmico”.

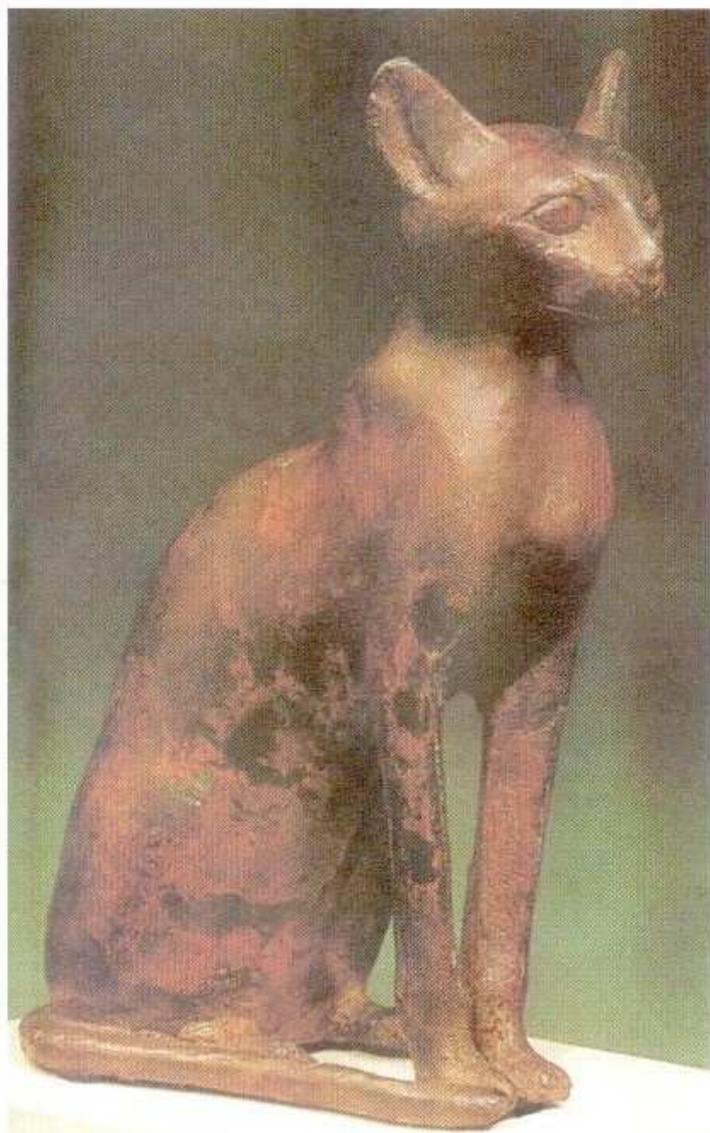
Não se trata de especulações teóricas ultrapassadas. A linguagem mítica e o comportamento que a exprime mantêm-se vivos sob várias formas.

Assim aconteceu que certo dia, na Casa das Palmeiras, uma cliente incendiou o almoxarifado e depois, saltando sorrateiramente por uma janela, esgueirou-se através do telhado que recobria o alpendre do andar térreo. Entrando por outra janela, acomodou-se tranqüilamente numa poltrona da sala vazia. O incêndio foi dominado. Encontrando-a enroladinha na poltrona daquela sala, eu lhe disse: “Você parece a leoa Sekhmet, que, de súbito, se transformou na gata Bastet, tão tranqüila nessa poltrona”. “Que é isso?”, perguntou ela. Conte-lhe então o mito egípcio da metamorfose da leoa Sekhmet na mansa Bastet. Ela se interessou logo pelo relato e pedia-me que o repetisse.

Então, reuni um grupo de técnicos e clientes para a leitura desse mito, relatado no livro de A. Erman. Foi grande o interesse de todos. Ficou então resolvido que encenaríamos uma apresentação teatral, “A incendiária”, onde os dois papéis, da leoa e da gata, seriam representados pela cliente que havia tentado incendiar o almoxarifado. Repetida a leitura da narração de A. Erman, um outro cliente escreveu sua versão do mito. A intérprete do papel



de Sekhmet-Bastet foi tão atingida pela linguagem mítica, que a tocara profundamente, a ponto de ir várias vezes ao jardim zoológico estudar as posturas da leoa. Evidentemente, essa apresentação teatral tinha intenção terapêutica, que foi plenamente alcançada.**



Estátua em bronze da divindade egípcia Bastet, deusa da fertilidade e do amor. Cerca de 712-332 a.C.

* *Eyssen, A. - La Religion des Egyptiens, p.92. Payot, Paris, 1952*

** *Moruz, S. - La Religion Egyptienne, p.95. Payot, Paris, 1952*

*** *Silveira, S. - A Emoção de Lidar, p.50. Alfabeta, Rio de Janeiro, 1985*

Santo Gato ou Dólmo
Livro de Kells, cerca
de 900 d.C., capítulo
17, Evangelho de São
João. Representação
do gato, que segundo
a lenda, ajudava os
monges no trabalho
das luminárias deste
livro. Monastério de
S. Columkille,
Universidade de
Belfast.





Advento do Cristianismo: Perseguição aos Gatos

A adoração às gloriosas divindades teriomórficas egípcias teve fim com o advento do Cristianismo. Os gatos, por suas qualidades singulares, passaram a ser associados às feiticeiras e foram perseguidos durante a Idade Média, sofrendo os terríveis excessos da Inquisição.

Em 1220, foram até organizados processos contra gatos, ocorrendo o absurdo desses animais serem acusados de manobras diabólicas e à semelhança de mulheres acusadas de bruxaria, foram condenados a perecer em fogueiras.

Ainda hoje o gato é repudiado por alguns e poucos o aceitam com amor.

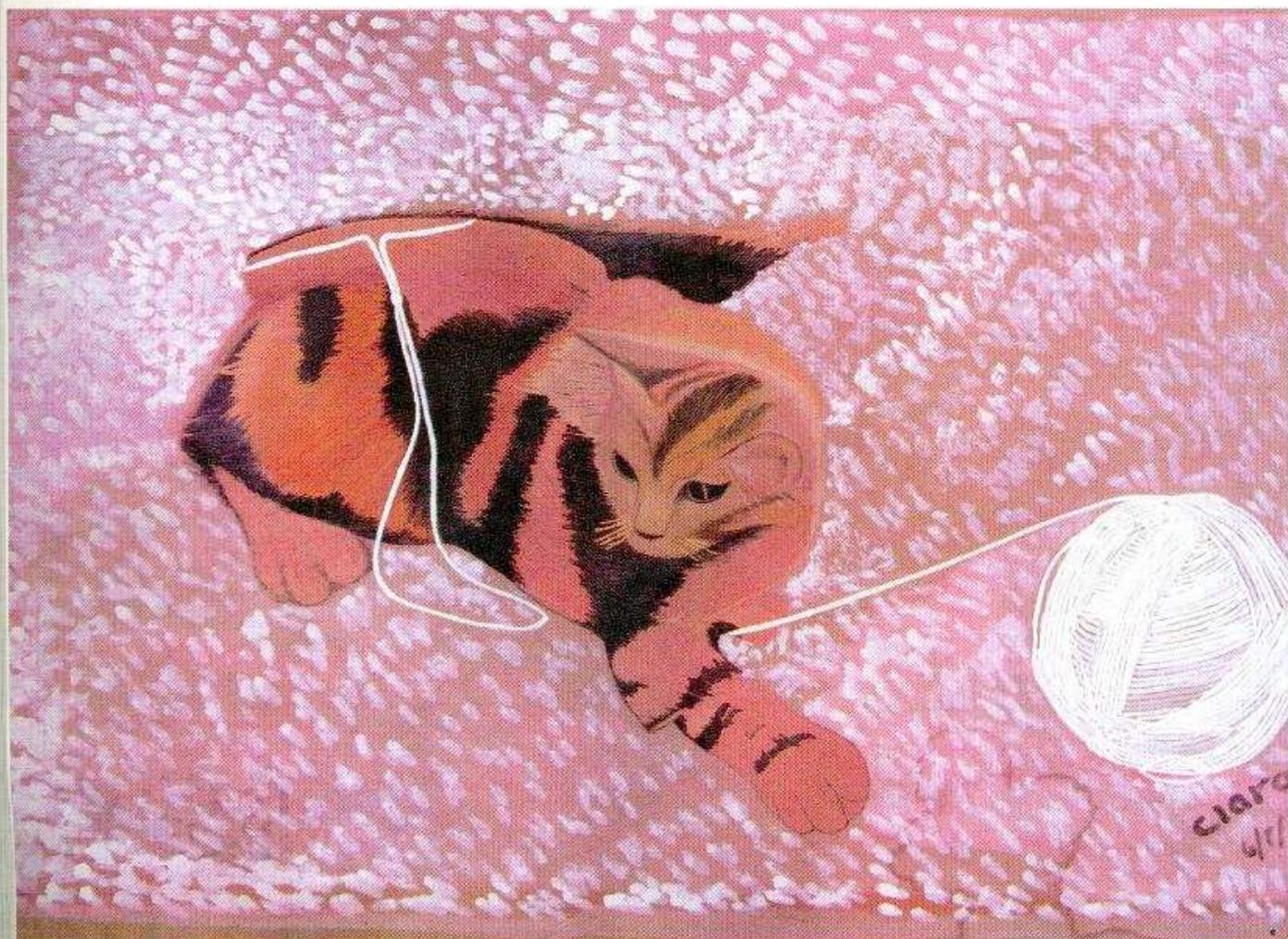
Enquanto o cão mantém-se fiel a seu proprietário, o gato não o obedece. Ergue a cauda e segue o caminho que lhe apraz.

Vocês já viram um enorme elefante dançando no circo sob as ordens de seu domador? Ou um tigre de dentes afiados, com sua majestosa beleza, atravessar obedientemente arcos de fogo num espetáculo circense? Contudo, nunca viram demonstração alguma de gatos domados em circo! Isso porque o gato é um ser essencialmente livre e essa liberdade desafia o homem.



Feiticeiras e seus gatos
Xilogravura, 1619.

Gato com novelo de lã
Clara, 1959
Acervo da Casa das Palmeiras





O Gato e a Emoção de Lidar

Muitas vezes tenho repetido que se impõe a exclusão de certos métodos ditos terapêuticos em psiquiatria. Dentre esses, o mais freqüentemente empregado é o eletrochoque, que além de nocivo a várias funções psíquicas, equivale a uma terrível tortura para os doentes. Tortura reconhecida por psiquiatras que procuram atenuá-la por meio de anestésicos.

Entre 1946-1974 dirigi a seção de terapêutica ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II. Optei por utilizar como método a terapêutica ocupacional, método considerado de importância menor e até mesmo subalterno. Contudo, minha intenção primeira era de reformá-lo completamente. E assim fiz, graças a permissão compreensiva do então diretor do Centro Psiquiátrico Pedro II, Paulo Elejalde.

Os trabalhos de varrer chão, de limpeza dos sanitários, etc... deixaram de ser executados pelos doentes e passaram à responsabilidade de funcionários.

Os novos terapeutas ocupacionais começaram a desenvolver atividades criativas e também a estudar algo da dinâmica psiquiátrica em reuniões semanais por mim orientadas. Mas a denominação de serviço de terapêutica ocupacional continuava a não me satisfazer. Encontrei em diferentes países outros títulos.

O grande mestre alemão Herman Simon criou a expressão método hiperativo. Enquanto os franceses preferiram chamá-lo ergoterapia. Mas ingleses e americanos estabeleceram o título de "Terapêutica Ocupacional" que foi internacionalmente adotado, inclusive no Centro Psiquiátrico Pedro II.

Seguimos a norma internacional predominante, embora a antipatizássemos. Para nós faltava-lhe algo, faltava-lhe emoção.

A recém-criada Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II, em 1946, no Engenho de Dentro, era freqüentada por alguns internos, sob a orientação de monitores diversos.

As saídas de doentes das enfermarias para as oficinas causou grande rebuliço. Os psiquiatras argumentavam que haveria brigas entre eles e fugas. Nada disso aconteceu.



Foi quando certo dia um rapaz freqüentador da Terapia Ocupacional, em vez de entrar numa das salas de trabalho masculino preferiu entrar na sala de atividades feminina atraído pelas qualidades latentes que pressentia existirem num pedaço de veludo estendido sobre a mesa da sala. Dirigiu-se à monitora Maria Abdo e perguntou: "Posso com este pano fazer um gato?" A resposta foi sim. Então Luis Carlos começou a manipular o pedaço de veludo, dando-lhe a forma de um gato. A monitora ficou surpreendida, mas não interveio, salvo na colocação dos olhos do gato, a pedido de Luis Carlos.

Completado assim o gato, Luis Carlos tomou um lápis e escreveu:

Gato simplesmente angorã
do mato,
azul olhos nariz cinza
gato marrom
orelha castanho macho
agora rapidez
Emoção de Lidar.

Enquanto manipulava seu gato de veludo, com surpreendente habilidade, Luis Carlos parecia feliz e disse: "Como é macio! Sinto grande emoção de lidar com ele entre minhas mãos".

Essa expressão Emoção de Lidar foi ponto de partida para substituímos o pesado título Terapêutica Ocupacional.

Se seguirmos a preferência do material a ser trabalhado, este poderá dizer muito sobre o estado psíquico de quem o manipula.

É curioso que tenha sido um filósofo, Gaston Bachelard, quem abriu caminho para a pesquisa da importância psicológica dos materiais de trabalho. Bachelard descobriu que a imaginação criadora escolhe de preferência uma substância para revestir-se. Essas preferências poderão revelar segredos íntimos. Daí a importância de serem atentamente observadas. Diz Bachelard: "A saúde de nosso espírito está em nossas mãos".

Pouco mais tarde, graças à intervenção a nosso pedido, de Fernanda de Camargo Almeida Moro e Lourdes Maria Novaes, respectivamente Presidente e Secretária Geral da AM-ICOM- BRASIL -



International Council of Museums, em 31 de julho de 1973, o Museu de Imagens do Inconsciente teve a honra de ser admitido membro deste Conselho. Esta participação foi de tal importância que deu ao nosso incipiente museu o caráter de um legítimo museu científico.

Uma gata pintada por Victor Brauner revela secretos sintomas da esquizofrenia.

Se foi um gato que levou a transformar o velho conceito de Terapêutica Ocupacional em Emoção de Lidar, surpreendentemente agora é uma gata, pintada pelo surrealista Victor Brauner, que nos oferece o mais exato conceito de esquizofrenia: uma figura feminina é metade mulher, metade gata e de seu seio nasce uma flor. Victor Brauner revela assim que conhecia as profundezas do inconsciente.

Antonin Artaud diz que ele revela em sua pintura "Estados do ser inumeráveis e cada vez mais perigosos". Pareceu-me que Artaud se referia a certos acontecimentos terríveis que podem ocorrer na profundidade da psique, avassalando o ser inteiro. Descarrilhamentos da direção lógica do pensar; desmembramentos e metamorfoses do corpo; perda dos limites da própria personalidade; estreitamentos angustiantes ou ampliações espantosas do espaço; caos; vazio; e muitas condições subjetivamente vividas que não só a pintura de Victor Brauner como a dos frequentadores dos ateliês de Engenho de Dentro tornavam visíveis, como nos trabalhos de Adelina.

Decerto aquelas imagens revelavam estranhos estados do ser, que não se deixavam apreender dentro do modelo médico adotado pela psiquiatria vigente.

A psiquiatria descritiva não dispõe de definição tão exata para transmitir toda a dramaticidade dessas estranhas vivências. Limita-se a fazer a enumeração de sintomas "básicos" ou "accessórios" da esquizofrenia, como um rol de fenômenos mais ou menos indiferentes. Ao contrário, Artaud conhece por experiência própria essas vivências e consegue exprimi-las com uma clareza incrível, levando-nos a concluir que tais "sintomas" não compõem uma doença, uma entidade patológica definida, mas se manifestam como estados múltiplos de desmembramento e de transformação do ser.

Aprendemos com Artaud e passamos a denominar os ditos sintomas da esquizofrenia de "inumeráveis estados do ser".



Leonardo Da Vinci,
Estudo para a Virgem
do Cão, Museu
Britânico, Londres.



Leonardo Da Vinci e o Gato

E muito freqüente encontramos entre pinturas de Leonardo da Vinci a tela que representa Sant'Ana, a Virgem e o Menino Jesus brincando com um carneirinho. Freud vê em Sant'Ana a representação da camponesa Catarina, mãe verdadeira de Leonardo, Maria encarnaria dona Albiera, esposa legítima do pai de Leonardo e o Menino Jesus revestiria a forma do próprio Leonardo infante. O carneirinho não iria além de mero brinquedo.

A leitura freudiana reduz a termos individuais as imagens da história de Leonardo, esquecendo que o tema Sant'Ana, sua filha e neto era conhecido desde séculos, nas obras de Luca di Tommè, datada de 1367, na de Masaccio (1401-1428) e na de Gòzzoli (1420-1497).

Este tema é certamente arquetípico. Vamos também encontrá-lo na Grécia sob múltiplas variações nas figuras de Deméter, Koré e Brimos. "Em Elêusis o nascimento de Brimos era um símbolo, nada mais que a expressão dessa idéia concentrada como um botão de flor, que encerrava a continuidade da vida na unidade: filha, mãe, criança, o ser morrendo, procriando, nascendo"*.

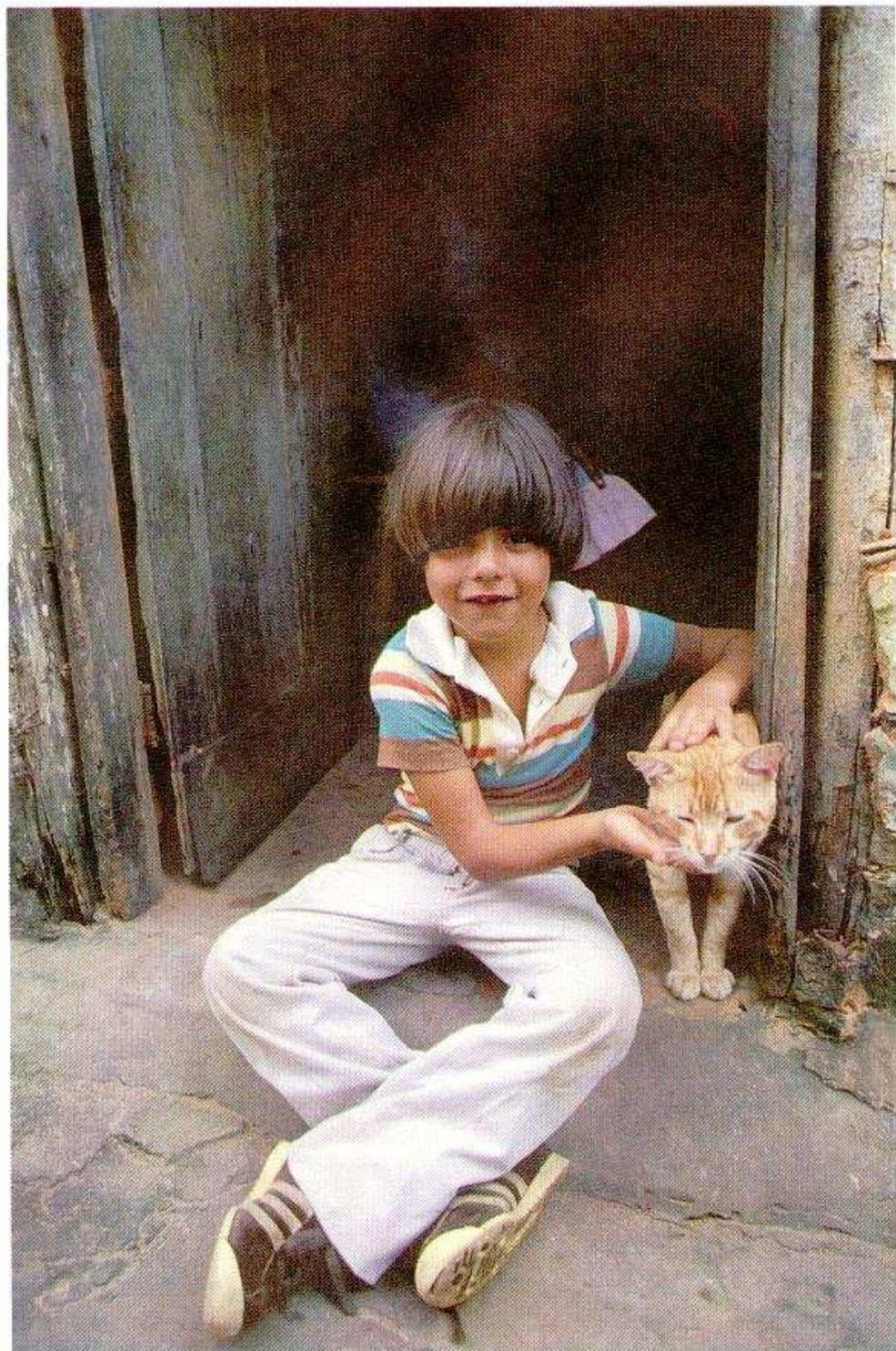
Leonardo não se satisfaz unicamente com a presença do carneirinho como brinquedo do Menino Jesus. Procurou outro animal muito significativo para ele próprio, a fim de brincar com a criança divina: o gato. Ser que possui para o homem significações opostas (agressivo) àquelas do carneirinho (manso-dócil).

Desenhou-o em múltiplas graciosas posturas. E por fim colocou-o no colo do Menino Jesus que o estreita em seus braços.

O original deste desenho encontra-se no Museu Britânico: A virgem, a criança e o gato.

* Kerényi, Karl - La Mythologie des Grecs, p. 136, Payot, Paris, 1952

O menino Fernando
e seu gato.



Relacionamento do Gato com o Homem

Delicadeza Sutil da Gata Mimi

Manoel, o mecânico da garagem do Edifício dos Bancários, situado no sub-solo daquela alta construção que se erguia na rua Marquês de Abrantes, estava furioso. Ele era um hábil mecânico, mas desta vez não conseguia consertar o automóvel de um morador, seu antigo freguês.

Ele se comprometera com o proprietário do carro a entregá-lo em perfeito funcionamento às 11 horas da manhã. Mas o motor continuava irredutivelmente emperrado. De um momento para outro chegaria o proprietário do carro, que dele precisaria para ir ao centro da cidade resolver negócios de homem rico.

Manoel sentiu-se fracassado. Encolerizou-se consigo próprio, contra a maldita máquina, contra o mundo todo.

Aconteceu ainda que uma gata, sem habitação e alimentação regular, era amiga de Manoel. Ela aparecia, não se sabe de onde, naquele mesmo horário junto a Manoel para partilhar com ele o almoço que o mecânico trazia de sua casa. Ele a chamava de Mimi.

Manoel não era um mero mecânico. Possuía sensibilidade e gostava de animais, sentimento raro no ser humano. Mas o mecânico estava de muito mau humor, ferido em seus brios.

Por isso foi grosseiro com a gata amiga. Dirigiu-se a ela asperamente: "Hoje não tem almoço, não. Pode ir embora".

A gata Mimi afastou-se devagar. Algum tempo depois voltou trazendo na boca um rato que ela caçara pouco antes. Colocou-o tranqüilamente aos pés de Manoel: ele não tem nada para comer hoje.

Toda sua fúria tombou diante do gesto de Mimi.

Manoel ficou perplexo esquecendo o automóvel e seu rico proprietário. Que fazer agora? Certamente ele não comeria o rato recém-caçado. Jogá-lo no lixo seria magoar Mimi. Então tomou uma folha de jornal e embrulhou delicadamente o rato morto. Dis-

se a Mimi: "Vou guardá-lo por enquanto no vão da escada que conduz ao 1º andar, onde troco minha roupa de rua pelo macacão de trabalho. Hoje almoçaremos mais tarde quando eu terminar minha tarefa".

Nestor

Na época em que me encontrava na casa de detenção, como presa política, vi uma pequena gata dormindo, recostada num ângulo do muro do pátio, onde às vezes nos permitiam tomar banho de sol.

Olhava fixamente a gata, um preso comum, chamado Nestor. Tinha a fama do maior arrombador da cidade. Perguntei: "Nestor, por que você está olhando tão fixamente para esta gata?"

Ele respondeu como um sábio: "Esta gata é quem sabe tirar cadeia!" Com efeito, refleti, o que importa à gata se está dormindo ao sol, no pátio da casa de detenção ou no terraço de uma bela mansão? Aproveitei em outras ocasiões esta magnífica lição de Nestor.

Carlinhos Agressivo e Carinhoso

Todas as manhãs passeavam entre meus livros de estudos, três gatos muito queridos: mãe, filha e filho. A mãe, Emília, era saltitante, alegre e bebia cada dia um pires de leite.

Um dia porém, recusou o leite. Pensei que se tratasse de uma indisposição passageira, mas no dia seguinte, repetiu-se o fato e a gata-mãe permaneceu tristonha e inapetente.

Uma veterinária, depois de examiná-la, constatou a presença de possível câncer na garganta.

A situação era grave mas, apesar disso, receitou um medicamento que eu deveria aplicar com conta-gotas na boca de Emília, para minorar-lhe as dores. Após três dias, morria, sofrendo.

Poucos meses depois, todos observavam que aumentava o volume do ventre da filha gata, chamada Sílvia. Novamente a veterinária foi requisitada e ao examiná-la, pensou tratar-se de um tumor abdominal.

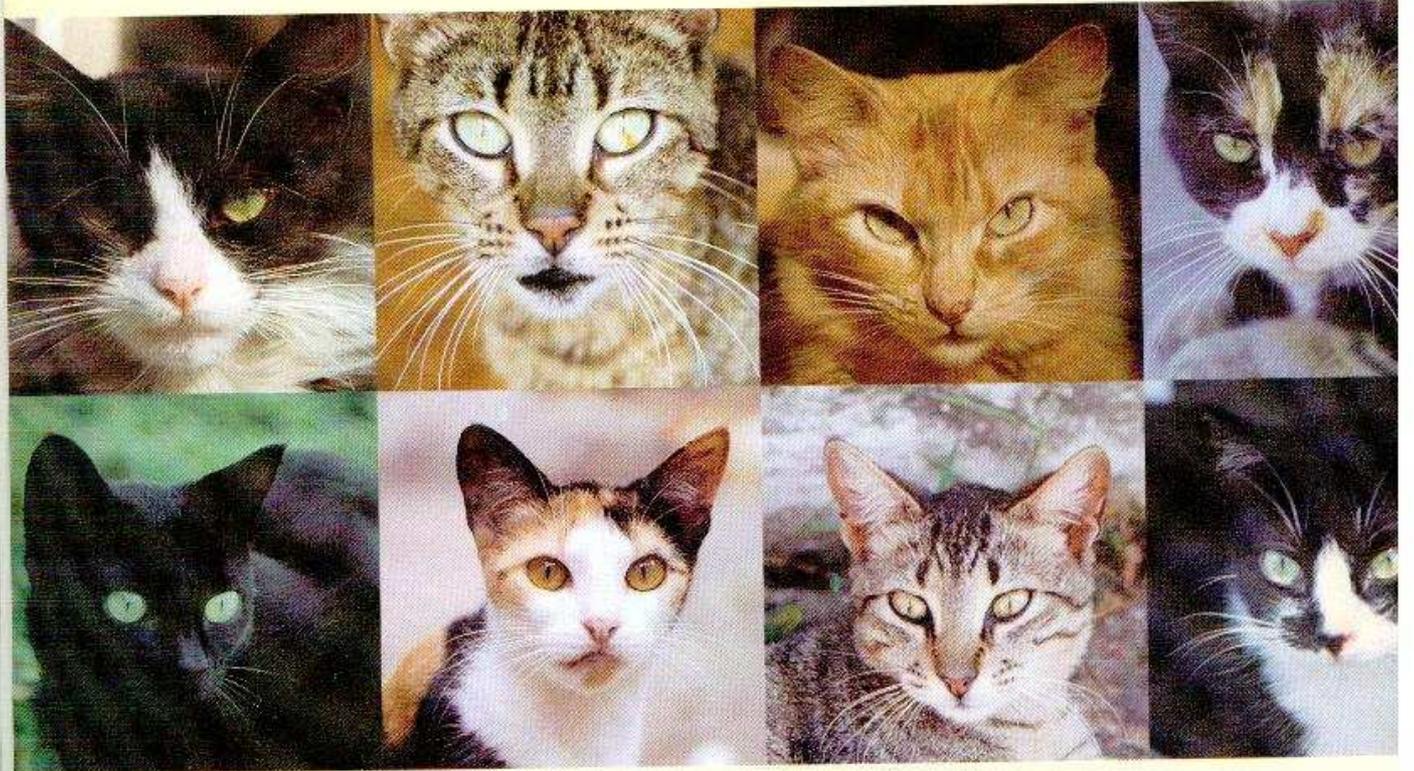
Sílvia foi levada ao raio-X. A veterinária verificou a presença de tumor que comprimia os rins da gata. Telefonou-me pedindo permissão para realizar cirurgia do tumor, único meio de salvação.

Concedi de imediato. Feita a retirada do tumor, Sílvia suportou bem a cirurgia. No dia seguinte, pela manhã, a veterinária telefonou-me informando que a gata estava em boas condições. Uma hora depois, telefonou-me novamente, anunciando a morte da gata.

Carlinhos ficou filho único. Não aceitou essa condição. Não consegui explicar-lhe estes dois desastres. Ele os atribuiu, provavelmente aos medicamentos que eu aplicara em conta-gotas na sua irmã e na









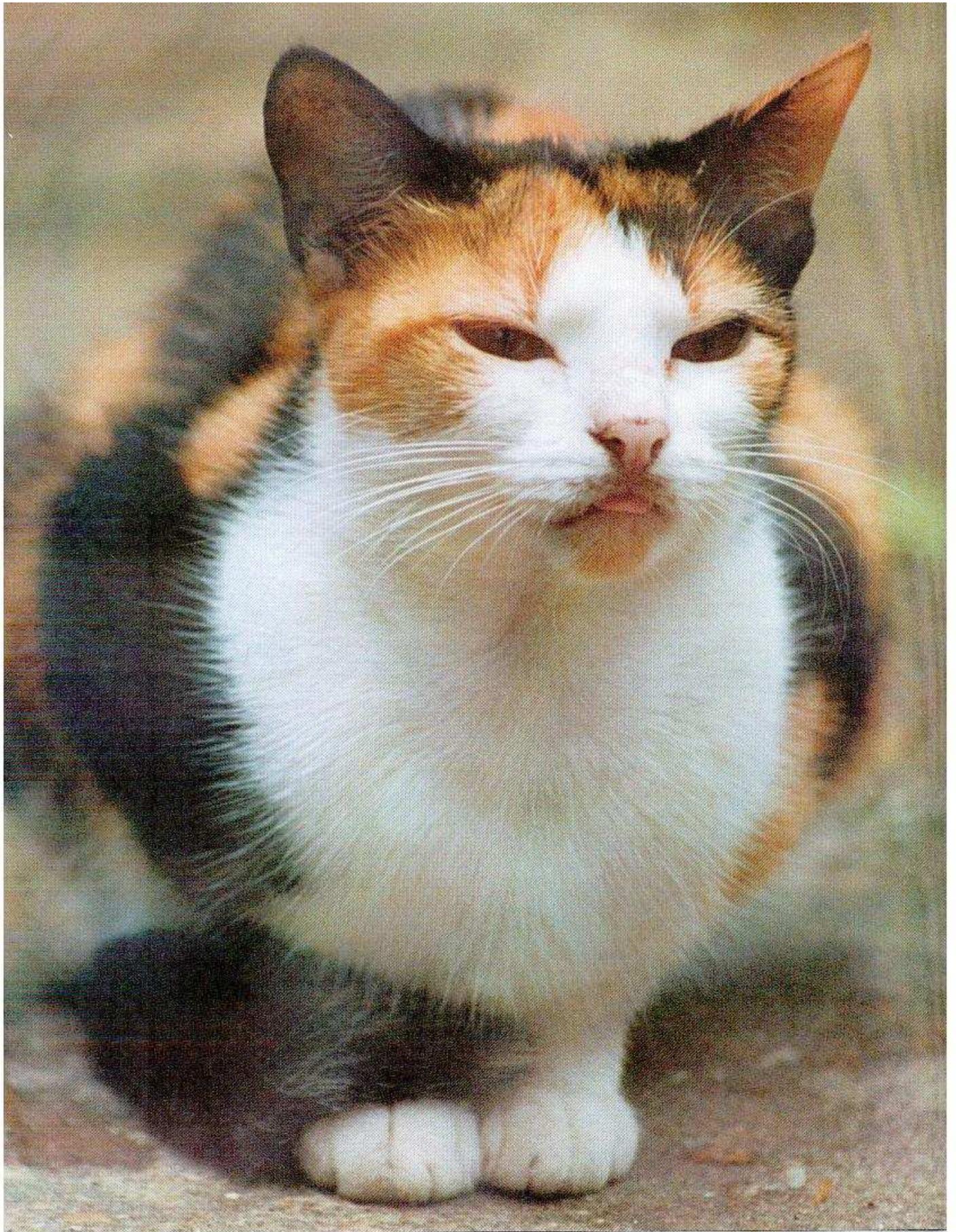


Photo: [unreadable]
[unreadable]

sua mãe. Tomou-se de cólera contra mim e, de manso que era, passou a agredir-me, arranhando meus braços até tirar sangue. Aceitei o castigo não merecido.

Compreendi suas razões e o deixei que me arranhasse fortemente. Apenas procurava acariciá-lo de longe, dizer-lhe palavras carinhosas e até recitava para ele poemas de Baudelaire.

Fui persistente durante meses nesse método. Após longo período começou a dar resultados. Atualmente, Carlinhos aninha-se no meu colo e se deixa acariciar.

Maomé

Maomé, autor do Alcorão, amava tanto seu gato que costumava sempre trazê-lo em seus braços. Certo dia, quando o gato dormia como de costume em seus braços, foi chamado com urgência por um adepto. Para não perturbar o sono do gato, desembainhou sua espada e cortou seu magnífico manto em torno do gato e seguiu para a luta.

O Gato e o Descendente do Marquês

No tempo em se podia andar à noite nas ruas, eu saía com uma cesta com alimentos para um gato que vivia amedrontado e corria sempre para uma árvore, numa pracinha perto de minha casa. Ficava preocupada de como o gato comia ou bebia. Passadas as 11 horas da noite, levava comida para ele, que após comer, subia velozmente para a árvore.

Após alguns meses, quando já estava no portão de casa, um senhor muito elegante, com uma caixa apropriada para caçadas, me disse:

- Minha senhora, seu gato já jantou. Assim que abri a minha caixa ele entrou ávido.

Fiquei espantada porque vim a saber que aquele homem que se impressionara com o meu gesto era descendente do Marquês de Abrantes.

Um dia o gato fugiu. Não sei se para a liberdade ou para a morte. Seu desaparecimento me fez sofrer.

Camille Claudel

Escultora francesa, nasceu em 8 de dezembro de 1864. Aos 19 anos, iniciou seu trabalho de colaboradora no ateliê do mestre Rodin. Desses encontros surgiu um profundo relacionamento afetivo que permaneceu por aproximadamente 15 anos. Contudo, o fracasso da realização de seus projetos de vida afetiva, levou-a a um dramático fim: a loucura. Foi mantida em internação forçada, no asilo em



Montdevergues, no sul da França, por mais de 30 anos terríveis, de onde nunca mais saiu.

Em suas cartas denuncia as péssimas condições do asilo, da sua dor, da sua revolta e solidão. Mas a presença de um gato parece preencher o vazio.

Verificaremos, também, que por gostar de gatos, Camille era discriminada, conforme está registrado na carta que Maria Paillete enviou à escultora:

Querida Camille,

(...) Que tristeza essa querida!

Quanto tempo isso vai durar? Mas tenha certeza, Camille, que não me esqueço de você. Sua carta de Montdevergues me causou muita tristeza. Como podem ser tão malvados a ponto de deixarem você fechada aí, quando você não fez nada?

Afinal, não é crime querer viver sozinha e gostar de gatos. Senão, a metade do vilarejo deveria estar trancafiada.

Maria Paillete.

Mestre Akhenaton fala dos homens.

O sábio gato Akhenaton, grande observador do homem, sempre percebeu que este bípede bastante inteligente era de lamentável mediocridade sensorial. De sua profunda sabedoria felina analisa as tragédias causadas pelo ser humano e expressa seu pessimismo diante da melhora desta espécie*.

Black- Jack

Que estranha sutileza levou o gato Black-Jack, freqüentador de vários departamentos do Museu Britânico, a depositar de sua boca um pequeno gato aos pés do conservador de múmias de gatos egípcios e em seguida retirar-se solenemente.

Este fato ocorreu quando o conservador saía de sua residência oficial no Museu. Este tomou o pequeno gato carinhosamente nos braços e o adotou.



Deu-lhe o nome de Mike. Que admirável sabedoria de Black-Jack encontrar a pessoa certa para cuidar do seu filhote.

Mike vinha todas as manhãs tomar o pálido sol de Londres na escadaria do Museu. Ninguém o aborrecia e muitos lhe acenavam amigavelmente. Mike viveu 20 anos e quando por fim a morte o levou foi cantado por grandes poetas ingleses que o amavam.

Que aconteceria a um gato que se instalasse na escadaria do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro?

Numa comovente crônica, Artur da Távola relata ter visto no programa "Fantástico", vários gatos mortos estendidos sobre a calçada do Passeio Público.

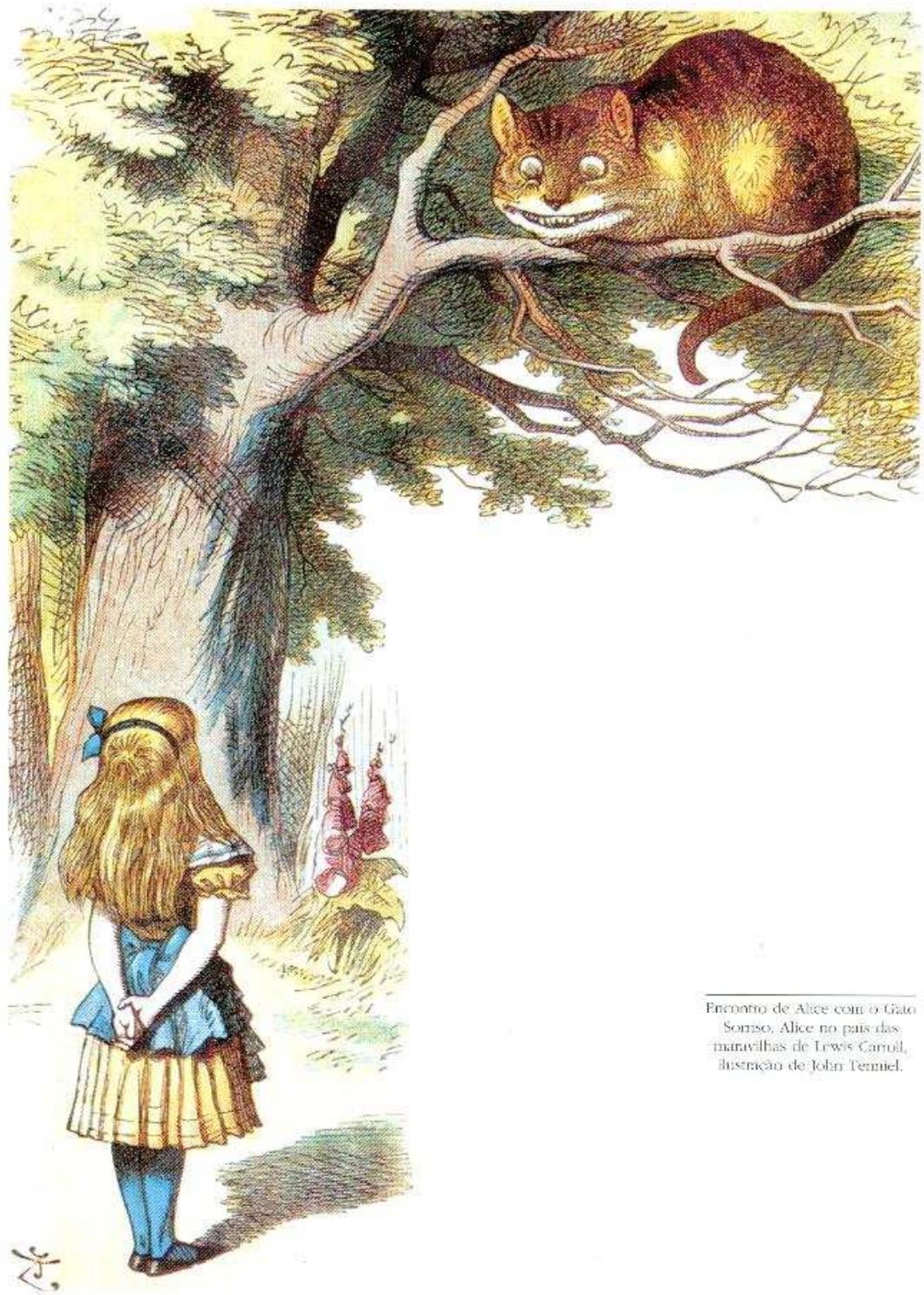
Violência semelhante seria impossível em calçadas de países civilizados.

Muito se arriscaria no Rio de Janeiro, nas calçadas do Museu Nacional, o gato Mike.



Camille Claudé
O Gato, 1893. Bronze
5,5x13,5x9 cm
Fundição desconhecida.
(Col. Lucile Audouy)

Vincent Gèraud - Akheraton, a história do homem contada por um gato. Ed. Siciliano, S.P., 1995



Encontro de Alice com o Gato Sorriso. Alice no país das maravilhas de Lewis Carroll, ilustração de John Tenniel.

Simbolismo do Gato nos Sonhos e nos Contos de Fadas

Não só o estudo dos mitos e suas significações nos ensina sobre a dinâmica da psique na sua profundidade, como também a interpretação dos sonhos, isto é, das imagens que neles se configuram em símbolos.

Durante o sono, refletem significações reveladoras de ocorrências inconscientes de problemas que perturbam o funcionamento normal da psique do sonhador.

Citaremos aqui dois sonhos de pessoas nos quais o gato é o personagem principal, figurando como emissário do mundo interno feminino, ao mesmo tempo imagem simbólica e instinto.

1º Sonho

A sonhadora fica surpreendida de encontrar em seu quarto dois gatos pequenos muito magros. Põe um pires de leite para eles. Mas os gatos são tímidos e hesitam. Um deles foge amedrontado, enquanto o outro aproxima-se com precaução e bebe o leite.

Este sonho apresenta em imagens o início do processo de aproximação entre consciente e os emissários do mundo feminino inconsciente.

Oferecendo leite aos pequenos gatos desnutridos, a personalidade consciente dá um passo em direção ao inconsciente, toma a disposição de cuidar dos instintos desprezados. Entretanto esta aproximação não se realiza sem hesitações e recuos por parte do inconsciente, pois em experiências anteriores, muitas tentativas já devem ter sido frustradas.

2º Sonho

A sonhadora toma nas mãos um vidro de perfume. Sobre o vidro está pintada a figura de um gato. A sonhadora abre o vidro e perfuma-se. Em cena seguinte, examina seu guarda-roupa e escolhe um vestido estampado em pele de tigre.

Perfumando-se a gato e se vestindo de tigre, a sonhadora apropria-se de atributos animais. Isso, à primeira vista, pode parecer uma



identificação regressiva com o animal, segundo acontece em casos patológicos.

Entretanto esta interpretação não se adequaria à sonhadora que, ao contrário, vem ganhando progresso. Cabe antes lembrar que são freqüentes em mitologia os exemplos nos quais o revestimento da pele de um animal pelo sacerdote ou pelo xamã constitui condição preliminar para ser atingido contato com a divindade, para que uma experiência numinosa venha acontecer. A sonhadora vestindo-se de tigre copia a Magna Mater no seu aspecto terrível, porém usando ao mesmo tempo perfume de gato atenua este aspecto perigoso com um toque de coquetterie. É como se atributos representados pelas divindades egípcias - a poderosa leoa Sekhmet e a amável Bastet com sua cabeça de gato - se reunissem na mesma personalidade.

Há muitas pessoas que se assustam quando sonham com gato ou outro animal, acreditando que lhes anunciam maus presságios ou mesmo, acontecimentos desastrosos.

Entretanto temos no livro de Jung, o mestre dos símbolos, que: "Nem para o primitivo, nem para o inconsciente o aspecto animal implica em qualquer desvalorização. Mesmo sob certos aspectos, o animal é superior ao homem".*

Nos contos de fadas, elaborações do inconsciente claramente demonstram quanto o animal é hábil e quanto, muitas vezes, ajuda o homem a ultrapassar dificuldades. Contudo, são freqüentes, nos contos populares e nas fábulas, o gato ser percebido como animal inteligente, perverso, astucioso, egoísta, infiel, malicioso, falso e outras qualificações. Essas atitudes ambivalentes são projeções do homem sobre o gato de suas próprias identificações.

Marie Louise von Franz é especialista de fama mundial em interpretação de contos de fadas. Depois de trabalhar muitos anos neste campo, ela concluiu que "todos os contos de fadas tentam descrever apenas um fato psíquico, mas este fato é tão complexo, difícil e distante de se representar em seus diferentes aspectos, que centenas de contos e milhares de versões (como variações musicais), são necessárias até que esse fato desconhecido penetre na consciência, sem que isso consiga exaurir o tema".**

Von Franz chama atenção para as formas mais antigas e básicas de contos arquetípicos que são as histórias de animais. Os personagens embora sejam animais, ao mesmo tempo são seres antropomórficos. Isto é, são imagens de seres humanos com formas de animais, ou o contrário. O animal está sempre investido de projeção de fatores psíquicos humanos.

Ela prossegue afirmando que: "Enquanto houver uma identidade arcaica e enquanto não se levar em conta a projeção, o animal e o



que se projeta nele são idênticos; eles são uma e a mesma coisa.”
Eles representam os “nossos instintos animais e, nesse sentido, eles
são de fato antropomórficos”^{***}.



Gato de Botas
Desenho de Gustave
Doré para o conto de
Charles Perrault.

* Jung, C.G. - *Complete Works*, Vol 9/1, p. 230.

** von Franz, M. L. - *A interpretação dos Contos de Fadas*, p. 16, Achiamé, RJ, 1981.

*** von Franz, M. L. - *A interpretação dos Contos de Fadas*, p. 96, *idem*.

O olhar de um gato.
Fotógrafo anônimo,
Cerca de 1945.



Experimentos Científicos com Gatos



gato desafia também os cientistas por seus comportamentos difíceis de explicar. Os cientistas professores H. Precht e Elke Linderlaub fizeram alguns experimentos com o objetivo de investigar o comportamento de orientação dos gatos. Procederam da seguinte forma: encerraram um gato num saco opaco e daí levaram-no a um laboratório completamente escuro. Posteriormente, levaram o saco contendo o gato para dar voltas e reviravoltas pela cidade, em sentidos diferentes. Mais tarde, abriram o saco num labirinto que possuía vinte quatro saídas. Esperaram para verificar qual a saída que o gato escolheria. A experiência foi repetida pelos cientistas com mais 142 outros gatos. A grande maioria dos gatos seguia a mesma direção que os conduzia à casa onde habitavam.

Quando homens de má índole querem libertar-se de ninhadas de gatos, ou mesmo de gatos não desejados em suas residências, costumam proceder desta mesma forma, isto é, enfiam os gatos em sacos e os abandonam em regiões distantes e inóspitas. Mas os malvados têm grande surpresa de verem os gatos voltarem, após longas e duras caminhadas durante vários dias. Acreditavam ingenuamente que aquele abandono fosse suficiente para se desfazerem do animal. Esse retorno permanece um fenômeno ainda muito misterioso.

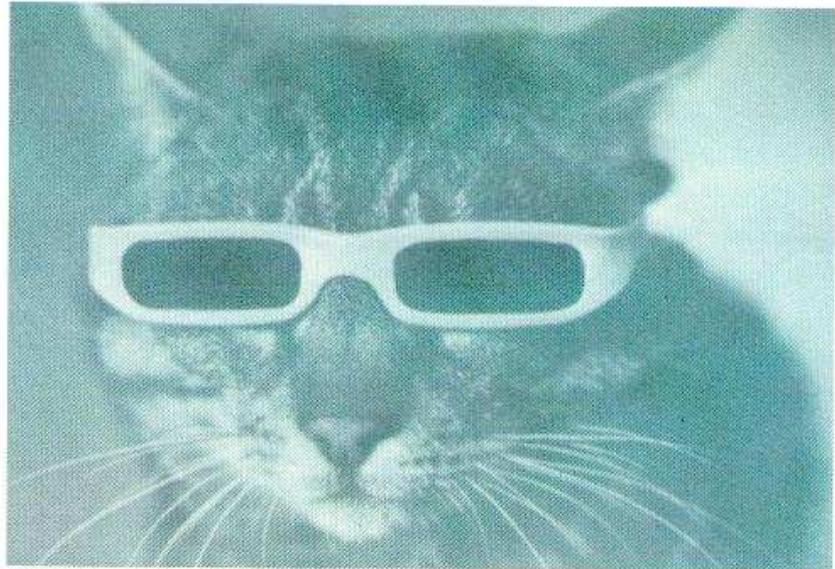
Foi o estudo do funcionamento das vibrissas no ser humano que levou à descoberta do radar. Alguns cientistas vêm dedicando-se ao estudo das especiais potencialidades dos bigodes dos gatos que lhes parecem dotados de capacidades semelhantes às do radar, isto é, habilidades para localizar objetos imóveis ou em movimento, medir-lhes a velocidade, captar-lhes a emissão de microondas moduladas, bem como analisar as mínimas pulsações emitidas pelos objetos.

Experiências científicas revelaram que o sonho é elemento necessário ao funcionamento da vida psíquica, tanto no homem como nos animais e talvez principalmente no psiquismo do gato.

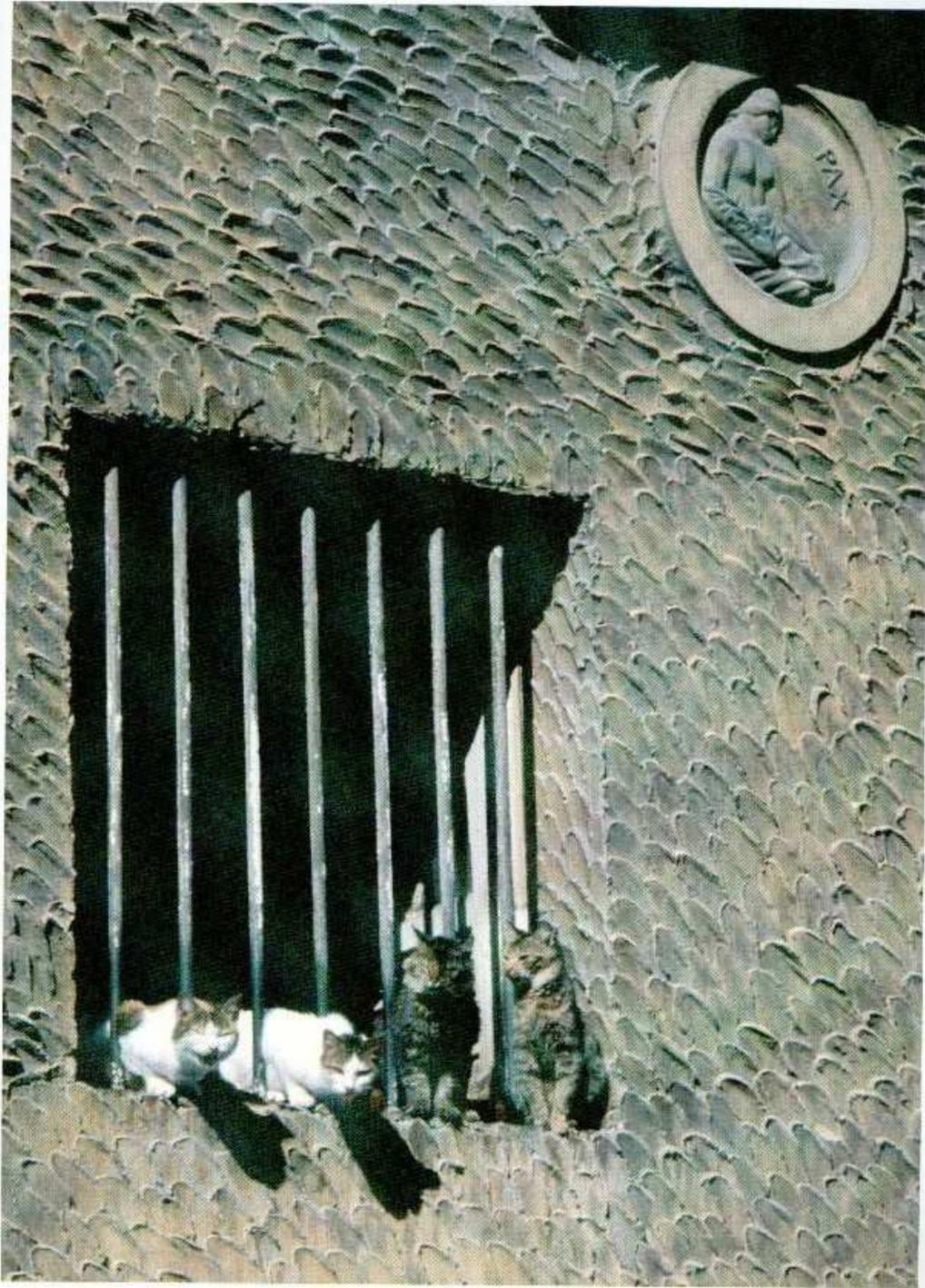


O estágio do sonho REM (movimento rápido dos olhos) que é associado ao ato de sonhar, não é particularidade exclusiva do ser humano. Tem sido observado também no sonho de quase todos os animais mamíferos, sendo especialmente estudado nos gatos. Desde que os prive do sonho REM nos experimentos, os gatos mostram evidentes perturbações do seu habitual comportamento. Sob todos os pontos de vista, parece que a etapa REM do sonho é biologicamente essencial.

"Se não usar óculos, não verei as
pessoas como são verdadeiramente...
com a cor de seus defeitos"
Gato de *Um dia um gato*
(filme tcheco de Jasný)



Gatos - a emoção de lidar





Gatos Co-terapeutas

Nosso projeto de trabalho no Centro Psiquiátrico Pedro II não tinha a intenção de proteger o animal. Nosso propósito visava relacioná-lo com o homem. Doar afeto àqueles seres solitários aos quais muito poucos homens ou mulheres sequer dirigiam uma palavra ou um gesto amigo.

A história do animal como co-terapeuta no nosso serviço foi o motivo central de meus maiores sofrimentos como psiquiatra naquele Centro. Distinguiram-se nestes trabalhos de co-terapeutas com animais, as colaboradoras: Maria de Nazareth Rocha e Dalva de Araújo.

Observei que os resultados terapêuticos das relações afetivas entre o animal e o doente eram excelentes. Mas era difícil que essa idéia tivesse campo para desenvolver-se. No Brasil a aproximação entre doente e animal, infelizmente, ainda não era cultivada. A preocupação dos terapeutas, ao contrário, afastava o animal do doente, sob alegações inconscientes. Compensadoramente, amigos distantes foram solidários: o prof. Boris Levinson, psicanalista americano, comentou por carta esses fatos ocorridos no Brasil, como a expulsão, o envenenamento ou morte contra os animais. Eis um trecho da carta: "Sem dúvida, para muitos desses doentes, os animais eram sua única linha de vida para a saúde mental".

Outro pesquisador, da Universidade do Estado de Ohio, prof. S. Corson, enviou-nos resultados de pesquisas com esquizofrênicos e cães desenvolvidas por ele e sua equipe "com extremo rigor para estabelecer princípios e limites no uso de animais em psicoterapia"^{*}. Apenas dois não melhoraram, dentre trinta casos citados.

O que se tem observado é que animais como cães, gatos, peixes e pássaros são requisitados como novos terapeutas em hospitais franceses, canadenses, americanos e suíços, depois de ter sido constatado que eles são indispensáveis à melhora ou a cura dos portadores de várias doenças^{**}.

Há animais que permanecem no hospital em sua função de co-terapeutas e outros que participam de visitas organizadas a hospitais afim de levar vida e calor a esses frios lugares^{***}.

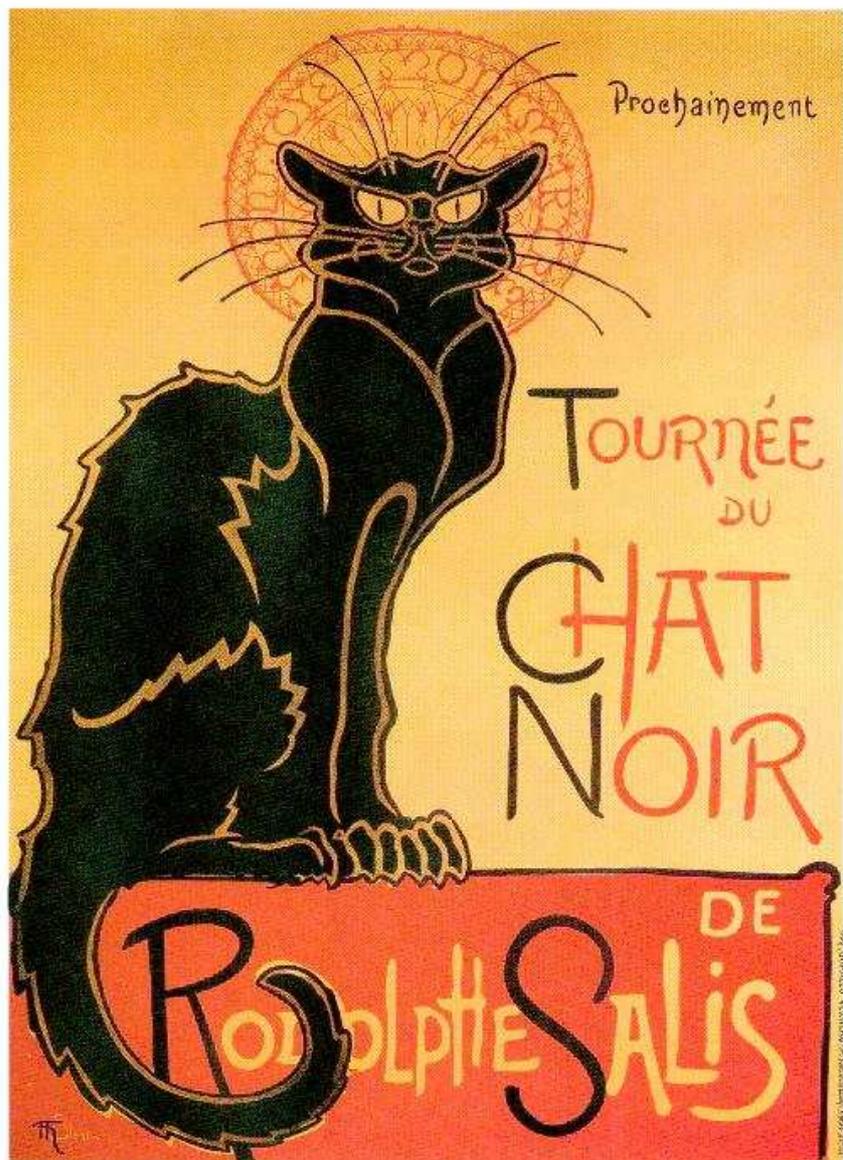
* Corson, S. *Pet - Facilitated Psychotherapy*, Department of Psychiatry, Ohio State University, EUA, 1974.

** Ferraz, S. *Jornal do Brasil*, 10-5-1990.

*** Silveira, N. *O Mundo das Imagens*, Ática S.A. SP, 1992.



Torneio do Gato Negro,
Théophile Alexandre Steinlen,
1896.



Qualidades Metafísicas do Gato

Um Fato Intrigante



síndico do prédio onde moramos, sabendo, certa noite, desocupada a sala de estudos, pediu-me que a emprestasse para uma reunião de condomínio, presidida pelo administrador do prédio.

Pouco depois do início da reunião, ouvimos gritos lancinantes, partindo de alguém que estava ocupando a cabeceira da mesa. Todos olharam surpreendidos e eu própria vi sangue escorrendo da perna do administrador. Foi feito um curativo de emergência.

O gato era manso e nunca havia agredido alguém, embora convivesse com muitos jovens que freqüentavam o nosso grupo de estudos. Viemos a saber que esse administrador era realmente desonesto.

Terá o gato faro especial para detectar características em outras espécies de seres?

Foi assim que entre muitos gatos que habitaram minha casa me foi possível discernir as qualidades psicológicas diversas de seus freqüentadores. Mário Magalhães da Silveira, meu marido, segundo também afirma Celso Furtado: "possuía excepcional acuidade para captar o caráter das pessoas, como se dispusesse de uma lanterna mágica que lhe permitia ler no rosto o espírito do interlocutor**.

Qualidades Metafísicas do Gato

Minha colega e amiga Alice relatou-me o seguinte fato: Olga, sua irmã, moradora em Niterói, foi fazer um passeio com o marido e o filho em Friburgo, numa bela manhã ensolarada.

Na subida da estrada o carro capotou e Olga morreu. Seu corpo foi transportado para o Instituto Médico Legal e dali mesmo foi levado para a capela funerária.

Olga amava sua gata e todas as manhãs dava-lhe um pires de leite.



No dia seguinte ao desastre, seu marido ofereceu à gata o mesmo pires de leite, para não quebrar o hábito de sua esposa.

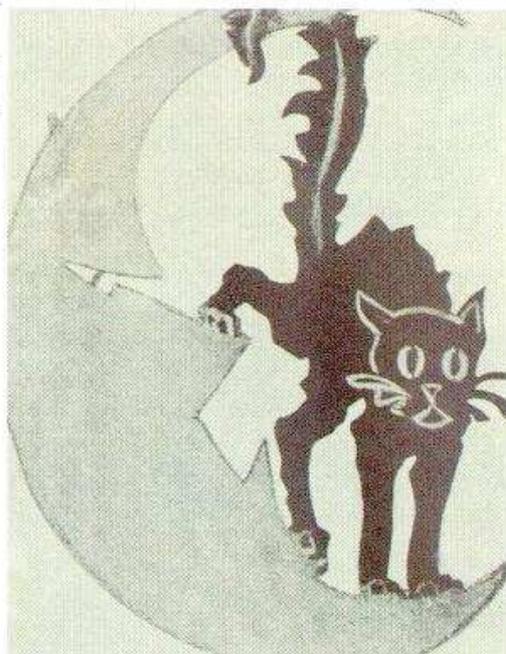
A gata recusou. Veio o filho, lembrando o hábito de sua mãe, e insistiu. A gata rejeitou. No dia seguinte, repetiu-se a mesma cena e a gata de Olga continuou rejeitando.

O mesmo repetiu-se por mais dois ou três dias. Em poucos dias a gata saltou o muro que cercava a casa e nunca mais apareceu.

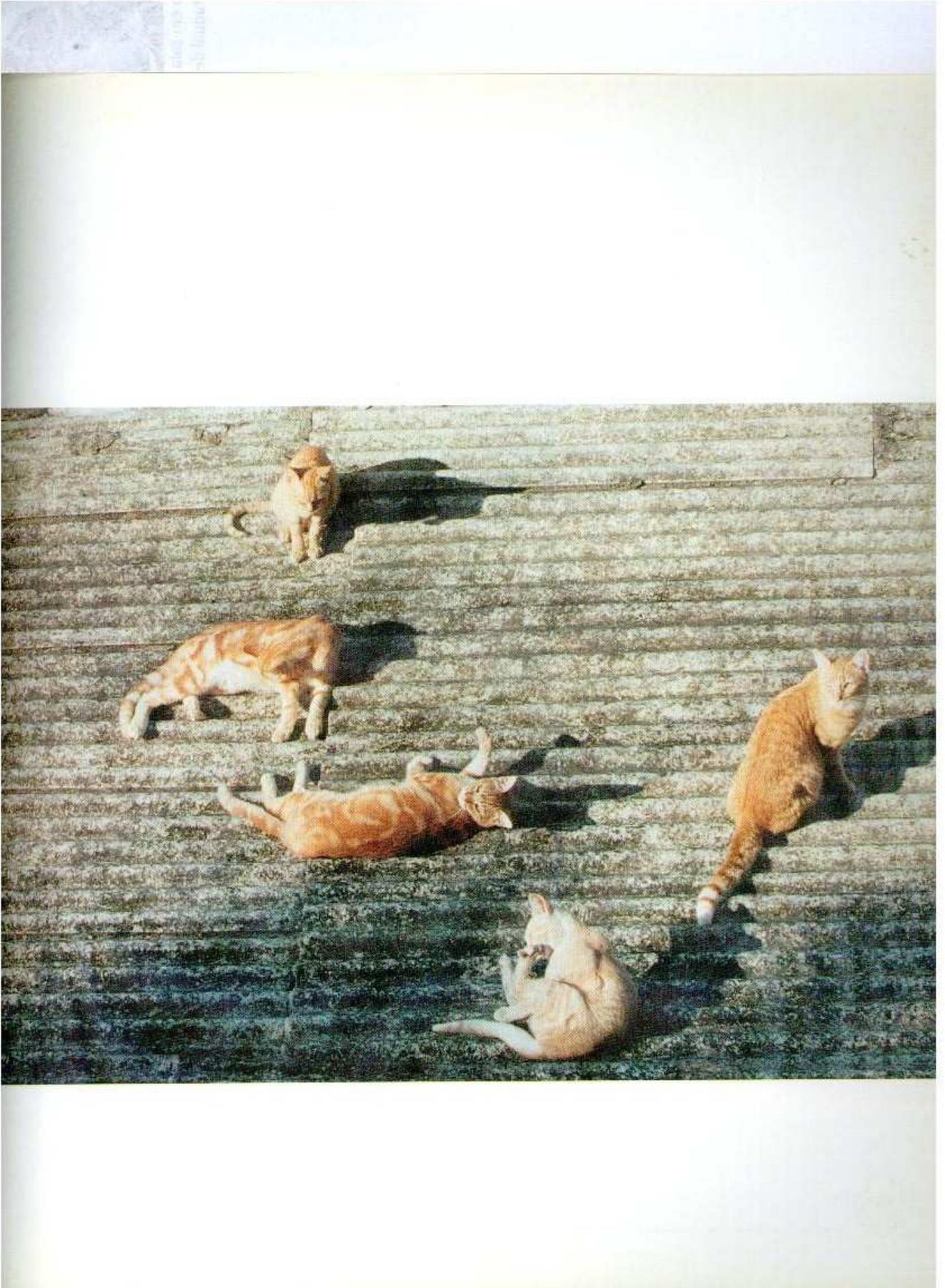
A gata não poderia ter conhecimento do trágico acidente, pois o corpo de Olga foi levado do local do desastre para o IML e dali para a capela funerária.

De que maneira explicar este fato racionalmente? Como faria o bicho-gente? Seria mais lógico atribuir à gata qualidades metafísicas?

Desenho de A. Willette para o emblema do célebre cabaré de Montmartre, Le Chat Noir.



*Furtado, Celso. *A Fantasia Desfeita*, Ed. Paz e Terra, pág. 12.



Nise e o Gato
Emiliano Di Cavalcanti
Óleo s/tela
(Coleção da autora)



Gatos nas Artes

Pintores impressionistas como Édouard Manet, Renoir, Monet, Cézanne, Degas, Van Gogh, Berthe Morisot, Toulouse-Lautrec e muitos outros sucumbiram à tentação de pintar em suas telas os estranhos fascínios dos gatos.

Certa vez, Renoir percebeu que um gato havia se introduzido sutilmente na paisagem. Ele exclamou: "Mas certamente que esta paisagem é muito mais bela com gatos!"

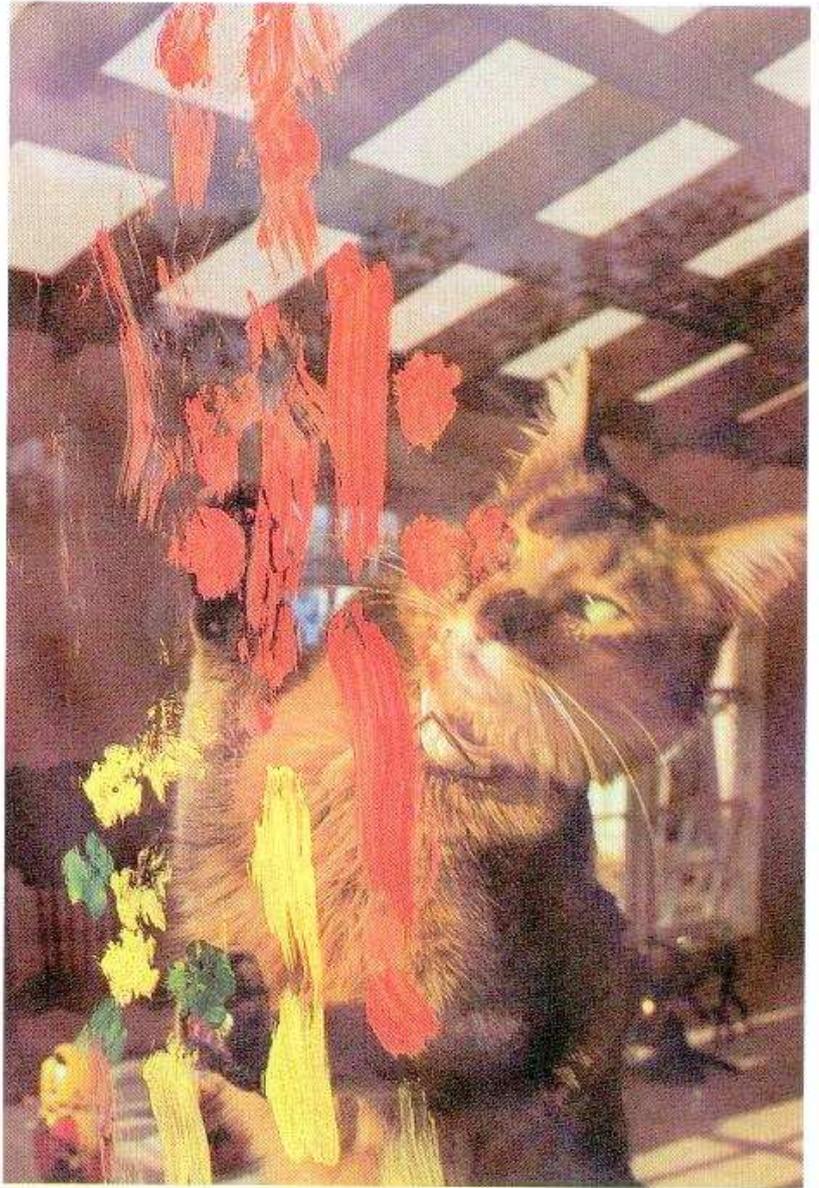
Monet, também passeando no campo com seus próprios gatos, observou que seus favoritos moviam-se entre as flores com mais elegância e prazer que os seres humanos que acabara de pintar. Imediatamente decidiu: "É preciso absolutamente pintar gatos!"

Outros impressionistas assinalaram que a população felina desempenhou na pintura um papel eminente. Raros são os mestres desta época que não pintaram gatos.



O Sono.
Percy Deane
Serigrafia, 1974
(Coleção H.C.F. Alsina)

Gat6 pintor Rusty

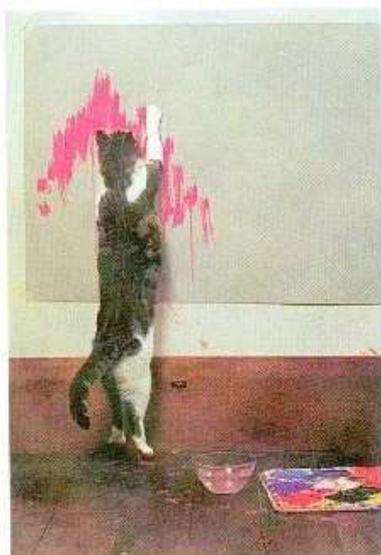


Os Gatos Pintores

Surpreenderá, talvez, à maioria das pessoas, a capacidade que muitos gatos possuem de pintar. Para alguns, as pinturas de gatos são motivadas por necessidades de extravasar energias, mas sabemos que alguns são capazes não só de distinguir cores, como também sentir prazer em pintar e adaptar cores a diferentes objetos.

Foi observado que a maioria dos gatos que pintam gastam aproximadamente dez minutos para começar o trabalho, seus olhos ficam levemente fechados, o que nos leva a admitir que esperam algum poder de inspiração de forças invisíveis.

Gata Misty pintando.





Guimarães Rosa

centros de
sua época

Os Gatos e os Escritores

“É um pequeno gato preto atrevido e ruidoso.
Eu o deixo brincar, muitas vezes, sobre minha mesa.
Algumas vezes, ele se senta sem fazer ruído,
Dir-se-ia um belo mata-borrão vivo”

Edmond Rostand

Eles são feitos para se entender. A escritura é um trabalho que agrada o gato. Ele gosta do papel, dos livros, dos lápis e das borrachas. O gato moderno adaptou-se perfeitamente à máquina de escrever. Minha selvagem Belle-Minette não gosta muito, mas ela a suporta, pois me vê ligada em minha mesa nessa coisa barulhenta onde eu coloco meus dedos. Além disso há um movimento do papel que eu retiro. Tudo isto certamente não é nada ao lado do divertimento supremo: o manuscrito degradingolado, as folhas duplicadas se misturando.

Se eu trabalho fora onde há vento, as folhas voam e pode-se ajudar a apanhá-las de novo.

Eu possuo várias impressões de patas com nítidas arranhaduras e alguns cantos de páginas acham-se mastigados. É a participação de Belle-Minette!

Eu penso no pai de Paul Morand que amava de tal modo seu gato siamês que escrevia em volta deste animal quando ele deitava-se sobre o papel.

Eu enganava Belle-Minette propondo-lhe outras folhas. Isto permite a minha gata mostrar todas as facetas de seu espírito de contradição**.

No Brasil o gato ainda tem pouco prestígio.

Só recentemente vem sendo descobertas e admiradas suas qualidades em fotografias e exposições.

O mais antigo elogio do gato brasileiro que encontrei foi no poema Dom Marcello Torretillas de autoria do médico, psiquiatra pernambucano Aurélio Domingues de Souza. Este poema foi ilustra-



do com desenhos realizados pela esposa do autor e editado em 1921, além da árvore genealógica deste "ilustre gato". Vejamos alguns trechos do lirismo e purismo deste poema:

... Esta forma que reveste
Meu corpo mortal, felino,
Veio talvez do Destino
De forças determinadas!
- Neste problema da vida,
Sou uma equação constante,
Quantidade resultante
Das expressões transformadas!

Os seres de faculdades
Diversas, por seus valores,
São todos eguaes factores
De harmonia universal!
A propria palavra humana,
- Vaidade, orgulho vazio!
Envolveu, tal qual o mío,
Da emissão de uma vogal!

Nos limites da energia
De minha animalidade
Exerço a mentalidade
De um quadrupede felino.
- Dirijo as minhas idéas
Filhas de meu pensamento,
Tenho o meu discernimento
E julgo e raciocino.

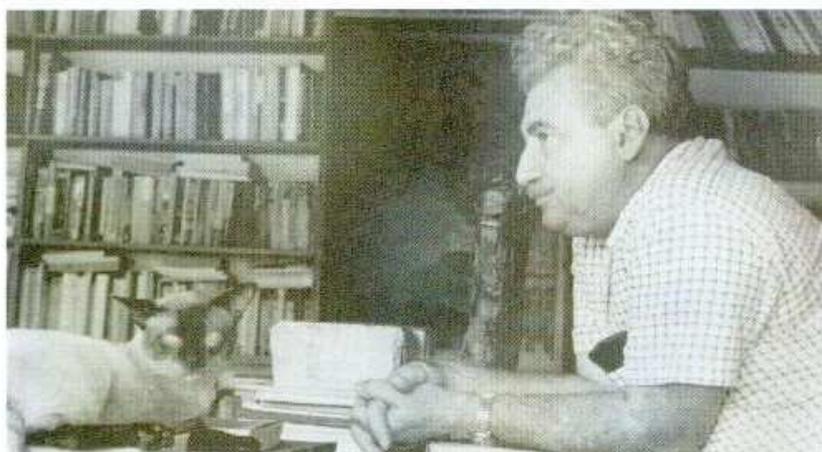
Árvore Genealógica do Mui Nobre Senhor
DOM MARCELLO de TORRETTILLAS



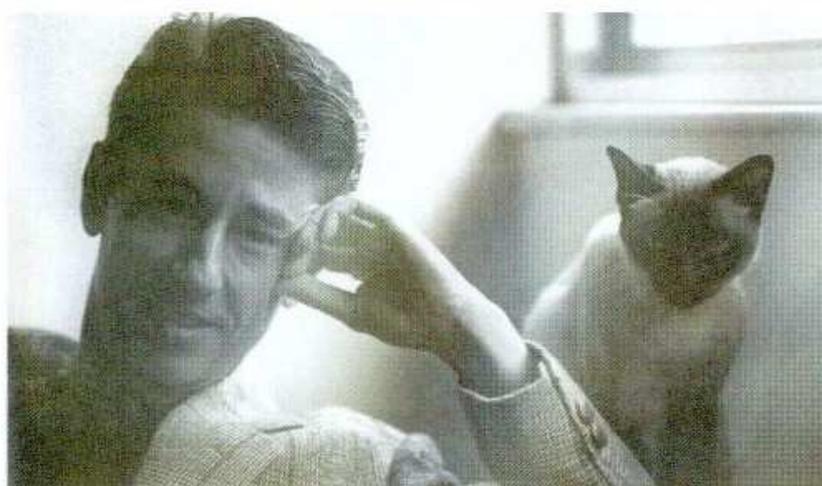
(+) A progenie de HÔ espalhou-se talvez pelo centro, norte e oriente europeu. (Nota do Autor)



* J. J. Charles - Le Livre des Chats, p.41



Jorge Amado

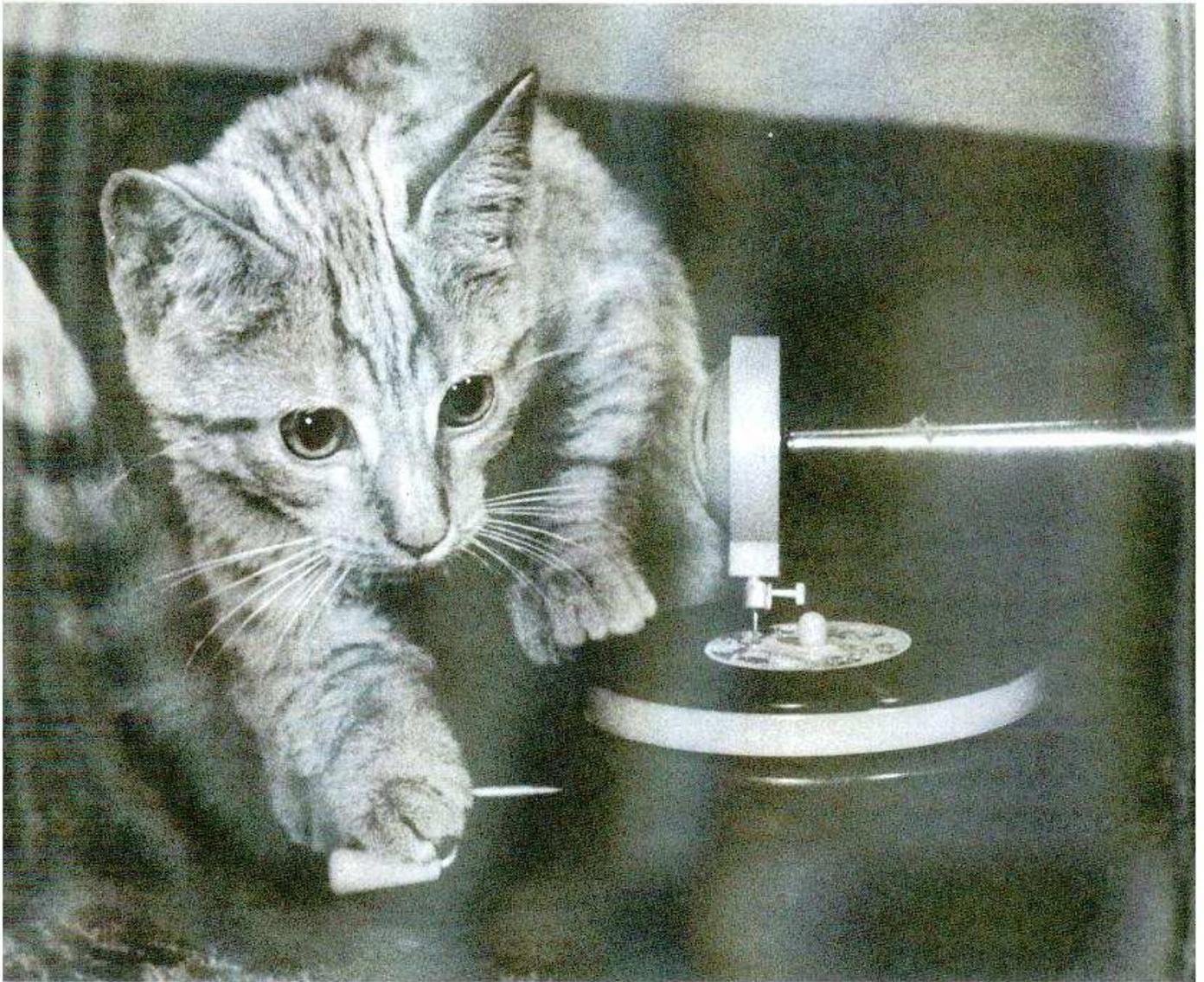


Mauro Rasi



Roy Castro

Gato amante da música.
Foto Holmes Leibel.

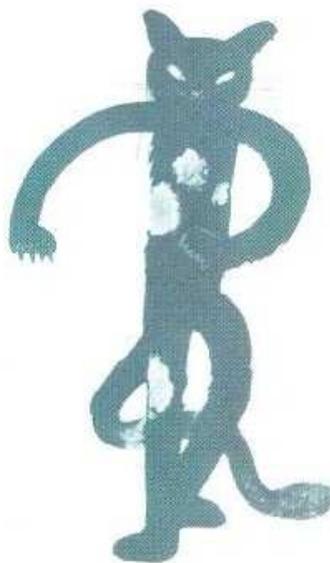


O Gato e a Música

 escritor Jehanne Jean Charles* narra o seguinte fato: minha gata Petit apreciava um disco de Vivaldi e havia descoberto que movendo a agulha, eram repetidos os mesmos sons. Eu não posso explicar de outro modo. Ela esperava quase sempre o fim para, muito delicadamente, mover o braço do toca-discos para a música voltar a tocar. A primeira vez, eu estava numa sala vizinha e imaginei que alguém tivesse feito voltar o disco. Não havia pessoa alguma. Era apaixonante ver a expressão de Petit escutando a música de Vivaldi com os olhos semi-cerrados. Eu me senti quase indiscreto permanecendo ali.

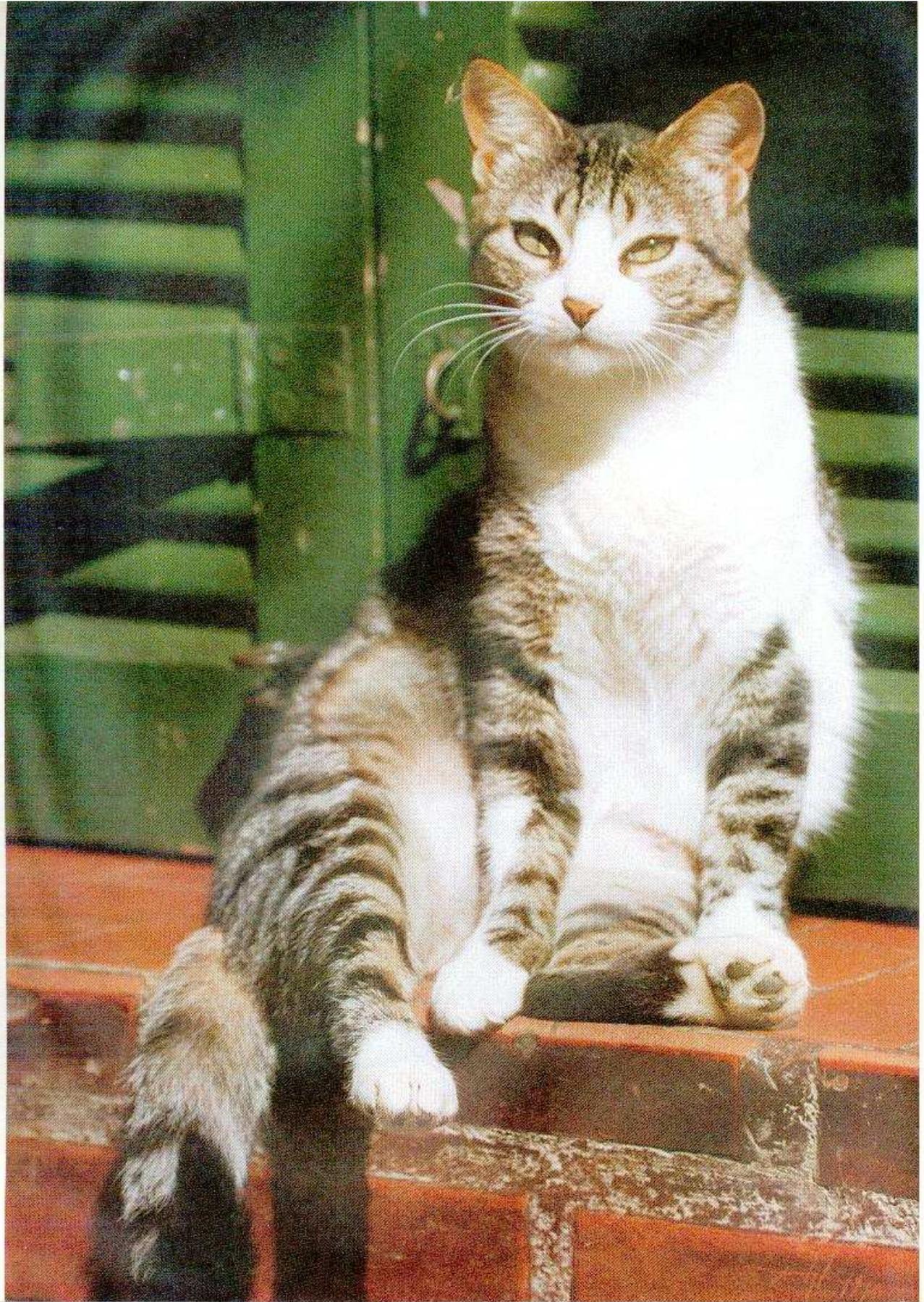
Mas quando é cantado ruidosamente parabéns para você, ela se afasta mostrando desagrado.

Como vemos, Petit tem sentido de escolha.



Figurino de Paul Collin para a
ópera *L'Enfant et les
Sortilèges* de Maurice Ravel.

* J. J. Charles - *Le Livre des Chats*



© 2004 by
Cats.com

Dados Biográficos *

Nasceu em Maceió, em 15 de fevereiro de 1905, Nise Magalhães da Silveira.

Forma-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926.

Obtem aprovação no concurso para médico psiquiatra da antiga Assistência a Psicopatas e Profilaxia em 1933.

Presa como comunista, é afastada do serviço público, de 1936 a 1944, por motivos políticos.

Funda, em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional no antigo Centro Psiquiátrico Nacional.

Em 1952 reúne material produzido nos ateliês de pintura e modelagem da STOR e cria o Museu de Imagens do Inconsciente.

Em 1956, com a colaboração de colegas e amigos, funda a Casa das Palmeiras.

Em 1957/58 realiza estudos no Instituto C. G. Jung, de Zurique, com bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa.

Participa, em 1957, do II Congresso Internacional de Psiquiatria, reunido em Zurique, com o trabalho *Expérience d'art spontané chez des schizophrènes dans un service de therapeutique occupationelle* (em colaboração com o dr. Pierre Le Gallais).

Em 1960, membro fundador da *Société International de Psychopatologie de l'Expression*, com sede em Paris.

Em 1961/2, estudos no Instituto C. G. Jung, de Zurique.

Em 1964, pesquisas referentes às imagens do inconsciente, no Instituto C. G. Jung.

Em 1965, promove a publicação da revista *Quatémio*, editada pelo Grupo de Estudos C. G. Jung.

Em 1968, funda o Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente, que realiza cursos, simpósios e conferências.

Em janeiro de 1969, oficializa o Grupo de Estudos C. G. Jung, que já vinha se reunindo informalmente desde 1954.

Em 14 de julho de 1975, aposenta-se, deixando assim suas funções na Divisão Nacional de Saúde Mental, do Ministério da Saúde.

Em junho/julho de 1975 organiza as comemorações do centenário de C. G. Jung no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com exposições de pinturas do acervo do M.I.I., ciclo de conferências e produção de um audiovisual sobre a obra de Jung. Prefere então, em colaboração com Luiz Carlos Mello, a conferência intitulada "C. G. Jung na vanguarda de uma civilização em transição".

Em outubro de 1976, sob o patrocínio da Associação Médica do Estado do Rio de Janeiro, ministra um curso de seis conferências, no



auditório do Ministério da Fazenda, no Rio, sobre o tema Imagens do Inconsciente.

De 1979 a 1981, exerce a função de supervisora científica do projeto Treinamento Terapêutico e Manutenção do Museu, realizado no Museu de Imagens do Inconsciente.

Publicações

Considerações teóricas e prática sobre ocupação terapêutica. Revista Medicina e Cirurgia, n. 194, 1952.

L'Expérience d'art spontané chez les schizophrènes dans un service de thérapeutique occupationnelle (em colaboração com o dr. Pierre Le Gallais). Revista Brasileira de Saúde Mental, vol. III, dezembro de 1957.

C. G. Jung e a psiquiatria. Revista Brasileira de Saúde Mental, vol. VII, 1962-63.

20 anos de terapêutica ocupacional em Engenho de Dentro (1946-1966). Revista Brasileira de Saúde Mental, vol. XII, 1966.

Jung, vida e obra. José Álvaro Editor, 1968.

Perspectiva da psicologia de C. G. Jung. Revista Tempo Brasileiro, n. 21/22, 1970.

Terapêutica ocupacional - teoria e prática. Edição Casa das Palmeiras, 1979.

Museu de Imagens do Inconsciente, in Museu de Imagens do Inconsciente, Funarte, 1980.

A emoção de lidar, coordenação e prefácio de uma experiência em psiquiatria na Casa das Palmeiras. Editora Alhambra, 1986.

Imagens do Inconsciente. Editora Alhambra, 1981.

Os inumeráveis estudos do ser - prefácio para o catálogo da exposição do M. I. I. no Paço Imperial, 1987.

A ferra do boi. Editora Numen, 1989.

Cartas a Spinoza. Editora Numen, 1990. Editora Francisco Alves, 2ª. edição, 1995.

O mundo das imagens. Editora Ática, 1992.

Imagens of the unconscious from Brazil, in catálogo para a exposição homônima em Frankfurt, 1994.



Instituições criadas a partir do trabalho de Nise da Silveira

Association Nise da Silveira - Images de l'Inconscient - Paris.
Museo Attivo delle Forme Inconsapevoli, Gênova
Centro de Estudos Nise da Silveira - Juiz de Fora - Minas Gerais.
Museu Nise da Silveira - Colônia Juliano Moreira - Rio
Casa das Palmeiras - Rio
Museu de Imagens do Inconsciente - Rio

Créditos das ilustrações

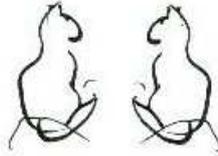
- 62, 65, 69: Arquivo fotográfico do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro.
65: Arquivo fotográfico de O Globo, Rio de Janeiro.
24, 26, 60, 61: Busch, Heather e Silver, Burton - Por que pintam
os gatos, Taschen, 1995.
43: Catálogo da exposição de Camille Claudel no Museu de Arte
Moderna do Rio de Janeiro, Brasil, 1998
32: Frère, Jean-Claude - Léonard De Vinci, Finest S. A. / Éditions
Pierre Terrail, Paris, 1994.
27: Loxton, Howard - Tudo sobre gatos, Martins Fontes Ed., São
Paulo, 1982.
48: Martin, Jane - Funny Cats, editado por J. C. Suarès, Welcome
Enterprises, Inc., N.Y.C., 1995.
22, 47, 50, 56, 66, 67: Mery, Fernand - Le Chat, sa vie, son
histoire, sa magie, Pont Royal(Del Luca/Laffont), Paris, 1966.
25: Para os Amantes dos Gatos, Editorial Inquérito, Portugal,
1995.
20: Pouilloux, Jean-Yves - Montaigne, Que sais-je? Découvertes
Gallimard, Paris, 1987.
54: Steinlen's Cats, coleção da Biblioteca Nacional de Paris, Harry
N. Abrams, Inc., Publishers, N.Y.C., 1990.
44: Stoffel, Stephanie Lovett - Lewis Carroll au pays des merveilles,
vol. 340, Découvertes Gallimard, Paris, 1997.



Desenho de Albert Marquet (1875-1947).

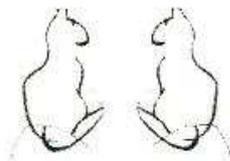
* *Gullar, Ferreira - Nise da Silveira - Uma Psicóloga Rebelde (Perfis do Rio), Relume Dumará, R.J., 1996.*



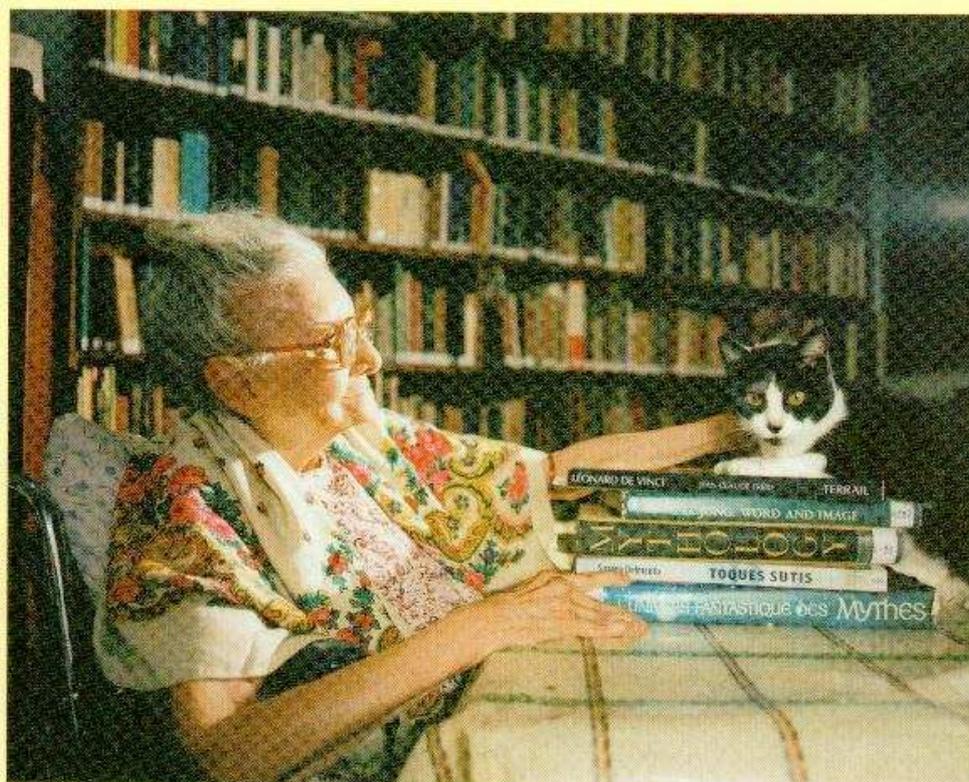


Meus Gatos





A presente edição, com tiragem de 3.500 exemplares, foi composta em Garamond pelo processo de editoração eletrônica e impressa em papel couchê-matt 150 gramas no miolo e cartão triplex 300 gramas nas capas. Coube à Rainer Rio Artes Gráficas e Editora Ltda. a seleção de cores e elaboração dos fotolitos, com a supervisão de Welles Costa. A impressão e o acabamento foram confiados à Imprinta Gráfica e Editora Ltda. com filmes aprovados pela coordenação editorial. Este livro acabou-se de imprimir em dezembro de 1998, ano em que o país elegeu o presidente da República, governadores de Estados, senadores, deputados federais e estaduais. Neste mesmo ano foram celebrados os 55 anos de fundação da SUIPA Sociedade União Internacional Protetora dos Animais, os centenários de nascimento de Belarmino Austregésilo de Athayde, Clóvis Monteiro, Francisco Alves (cantor), Heitor dos Prazeres, Herman Lima, Luiz da Câmara Cascudo, Procópio Ferreira, Raul Bopp, Rodrigo Mello Franco de Andrade, o sesquicentenário de Cruz e Souza, o bicentenário de D. Pedro I, proclamador da Independência do Brasil e os 500 anos da chegada de Vasco da Gama às Índias.



Nise e o gato Carlinhos,
1998

*Gato simplesmente angorá
do mato,
azul olhos nariz cinza
gato marrom
orelha castanho macho
agora rapidez
Emoção de Lidar.*

Luis Carlos

ISBN 858502048-2



9 788585 020484